



**Instituto Politécnico de Santarém**  
**Escola Superior de Educação de Santarém**

**Investigação na Prática de ensino supervisionada em 1.º ciclo – 3.º e  
4.º anos**

***O que aprendem as crianças no recreio?***

Relatório de Estágio apresentado para obtenção do grau de Mestre na área de  
Educação Pré-Escolar e de Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Joana Maria Fidalgo Calado**

Orientadora:

Professora Doutora Sónia Raquel Pereira Malta Marruaz Seixas

2016, outubro

## **Agradecimentos**

Finda mais esta etapa, não posso deixar de prestar os meus sinceros agradecimentos a algumas entidades e pessoas que se revelaram fundamentais na feitura deste trabalho, não só pela sua colaboração efetiva mas também pelo apoio moral que me prestaram, nas horas de maior angústia, quando as dúvidas me assaltaram e quando julgava não ser possível terminar este trabalho. A estas pessoas e entidades, a saber: Professora Doutora Sónia Seixas, por todo o apoio e disponibilidade prestados sempre que precisei de orientação. A toda a minha família, principalmente os meus pais, a minha irmã e o meu tio, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem quando estava mais desmotivada, a todos os meu amigos que me apoiaram e me deram força e finalmente, ao Centro Escolar que prontamente disponibilizou as suas instalações e a devida autorização para a realização das entrevistas aos alunos, apresento a todos os meus mais sinceros agradecimentos por tudo o que fizeram por mim e por me terem “aturado” nos momentos em que estava menos segura de como prosseguir. A todos, o meu muito obrigado, neste que é um trabalho de grande relevância para o meu futuro profissional.

**Resumo:**

O presente relatório reúne as aprendizagens adquiridas na participação dos estágios integrantes do Mestrado em Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e também no trabalho final de investigação. A presente investigação está focada nas aprendizagens que podem ser feitas no recreio, portanto intitula-se: “O que aprendem as crianças no recreio?”. Com esta investigação pretendi conhecer que aprendizagens as crianças podem desenvolver no recreio. Foram definidos os seguintes objetivos de investigação: conhecer a perspetiva da criança acerca do recreio; conhecer a perceção das educadoras e professoras acerca do recreio; analisar a importância do recreio e compreender de que forma contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Para alcançar estes objetivos recorri a uma investigação de carácter descritivo, através da pesquisa teórica e da análise de entrevistas semiestruturadas a doze crianças do Pré-Escolar da sala de 5 anos e a doze crianças do 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a duas educadoras de infância e a duas professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

**Palavras-chave:** Recreio; Brincadeiras; Jogos; Desenvolvimento; Aprendizagens.

**Abstract:**

The present report gathers the acquired learnings in the participation on the integral apprenticeships of the 1.<sup>o</sup> Cycle of the basic teaching and also in the final work of investigation. The present investigation is focused in the learnings that can be done in the recreation, therefore it is entitled: "What do children learn in the recreation?" with this investigation I intended to ascertain what learnings children can develop in the recreation. Defining the following investigation objectives: to know the child's perspective concerning the recreation; to know the educator's and teachers' perception concerning the recreation; to analyse the importance of the recreation and to understand in which form it contributes to the development and the children's learnings. To achieve these objectives an investigation of descriptive character was used, through the theoretical research and the analysis of semi structured interviews to twelve children of the Pre-School of the 5 year old room and twelve children of the 1st year of the 1st Cycle of the Basic Teaching, to two Child Educators and two Teachers of the 1st Cycle of the Basic Teaching.

**Key-words:** Playground; Jokes; Games; Development; Learnings.

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo I- Estágios Concretizados .....	3
1. Estágio em Educação de Infância (Jardim-de-Infância) .....	4
2. Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico (1º ano) .....	12
3. Estágio em Educação de Infância (Creche) .....	18
4. Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico (4.ºano) .....	25
Capítulo II – Investigação .....	33
Enquadramento teórico.....	33
1.Recreio Escolar .....	33
1.1 A Importância do Recreio .....	34
2. O Brincar .....	38
2.1 Brincar e Jogar .....	40
2.2 O Jogo .....	41
3. O Recreio, a brincadeira e o jogo para o desenvolvimento .....	45
Problemática de Investigação .....	48
Metodologia de Investigação .....	49
1. Tipo de Estudo .....	49
2. Instrumentos .....	50
3. Amostra .....	50
Análise dos Dados.....	51
1. Apresentação dos resultados das crianças do Pré-Escolar .....	52
2. Apresentação dos resultados das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico ....	53
3. Apresentação dos resultados das Educadoras/Professoras.....	55
4. Discussão de Resultados.....	57
Reflexão Final.....	62
Referências Bibliográficas .....	65
Anexos .....	69

## Introdução

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O mesmo explana de forma reflexiva e fundamentada as aprendizagens realizadas ao longo do percurso do mestrado, dos estágios e da investigação.

Ao longo do mestrado foram diversas as questões sobre os mais diversos temas que me foram surgindo, no entanto, houve um tema e questões a ele agregadas que a meu ver se destacaram. O que as crianças podem aprender fora da sala pareceu-me um assunto interessante e não muito abordado. Com a realização dos estágios nas diversas valências, creche, jardim-de-infância e 1.º ciclo do ensino básico, o tema tornou-se mais pertinente, visto que tive contacto direto com as crianças e com as suas rotinas. O estágio possibilita que a teoria e a prática se integrem, passando do conceito à realidade. Portanto, o estágio é uma parte integradora importante para o licenciado, pois nesse contexto assume o seu “papel” de profissional (Andrade, 2004).

Durante os estágios pude contactar com as crianças não só na sala como também nos recreios, o que despoletou em mim o interesse pelo tema e por algumas questões sobre este espaço, mais concretamente sobre o seu contributo para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Pude observar que a rotina das crianças, em qualquer das valências, não acontece apenas dentro das salas, as crianças não estão permanentemente dentro da sala, muitas das vezes focamo-nos no que se passa dentro das salas e o que as crianças aprendem nas mesmas, orientadas pelos docentes, no entanto, as crianças também passam algum tempo sem os docentes, no recreio. Os recreios são períodos entre as atividades letivas, podendo dar-se em espaços físicos exteriores, ao ar livre ou cobertos, ou no interior das escolas. É nesse espaço que as crianças podem agir livremente, sendo estes pensados para que a criança possa relaxar e distrair (Cabrita, 2005). O recreio escolar, na maior parte das vezes, é visto apenas como um “tempo livre”, sem ser pensado como um relevante momento pedagógico pertinente para ser investigado na área de educação (Machado, Romagnoli, Batista & Tonholos, 2013). Na realidade, segundo Vicente (2011), é um tempo bastante importante para o desenvolvimento da criança, desde o facto de criar relações com outras crianças ao facto das mesmas poderem recriar jogos de improvisação de brincadeiras, e ainda, a aprendizagem de regras e de tomada de decisões.

Portanto, o que acontece nesse espaço/tempo? Que importância tem para as crianças e para o seu desenvolvimento? E que aprendizagens podem ser promovidas no mesmo? Estas foram algumas das questões que foram surgindo.

O relatório está dividido em dois capítulos, o primeiro capítulo engloba os estágios realizados nas várias valências, Jardim-de-Infância, 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º ano de escolaridade), Creche e 1.º Ciclo do Ensino Básico (4.º ano de escolaridade), contextualizando-os, apresentando a caracterização das instituições, as crianças, os projetos educativos das instituições, bem como os projetos de estágio definidos e atividades realizadas. Começando por contextualizar o meu tema de investigação e a sua justificação, em seguida é apresentado um enquadramento do tema onde é explicitado o conceito de recreio, os conceitos que a ele vêm agregados, a brincadeira, o jogo e também o que os mesmos contribuem para o desenvolvimento das crianças. Ainda neste capítulo, encontra-se a metodologia utilizada, pois sendo esta investigação de carácter descritivo, caracteriza-se por descrever factos de uma determinada realidade ou fenómeno, exigindo ao investigador diversas informações sobre o tema que pretende investigar (Triviños,1987). E inclui ainda a análise das entrevistas realizadas e as principais conclusões retiradas da investigação. Para finalizar o relatório temos a reflexão final, que evidencia as aprendizagens realizadas ao longo do percurso do Mestrado.

## Capítulo I- Estágios Concretizados

Este capítulo contextualiza os diversos estágios realizados no decorrer do Mestrado, apresentando sucintamente as instituições, as salas, as crianças, os projetos desenvolvidos, bem como as principais aprendizagens adquiridas. Um estágio é quando o discente pode vivenciar e conhecer a sua área de atuação. Guerra (1999) defende que o Estágio Supervisionado comporta a teoria, onde se procura a realidade para uma análise do programa de trabalho na formação do educador. Neste ponto, encontramos muito próximos da nossa prática profissional onde não temos nenhum colega com quem dividir tarefas, não temos um professor supervisor que nos ajude a organizar o trabalho e a fazer críticas construtivas, e não temos uma instituição na retaguarda a proteger-nos. A Prática Pedagógica como parte integrante dos cursos de formação é essencial, pois permite usufruir de formação científica específica, social e pessoal, possibilitando contactar formalmente os discentes na prática profissional docente, sendo também transmitida a responsabilidade pela docência (Formosinho, 2009). Esta prática supervisionada é uma grande preparação para o futuro profissional pois estamos a lidar diretamente com a realidade com que mais tarde nos iremos deparar. Estamos a trabalhar em campo e a por em ação toda a teoria que temos vindo a aprender ao longo de todo o nosso percurso de formação. De facto, a grande vantagem dos estágios é que, de uma forma subtil nos obrigam a enfrentar problemas e a encontrar soluções. No entanto, não vamos beneficiar apenas deste tipo de aprendizagens já que a própria preparação das aulas, a preparação dos conteúdos, a forma mais eficaz de as apresentar à turma, são também outras das mais-valias de uma prática de ensino supervisionada. Tal como defendem Pimenta e Lima (2004, p.153), que afirmam que o estágio é “o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia.”

Os estágios estão apresentados por ordem cronológica da sua realização. O primeiro estágio decorreu na valência de Pré-escolar numa sala de 5 anos. O segundo estágio foi realizado na valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma de 1.º ano. O terceiro estágio foi realizado na valência de creche e o último, na valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma de 4.º ano.

## 1. Estágio em Educação de Infância (Jardim-de-Infância)

### 1.1 Caracterização da Instituição

A Instituição na qual estagiei estava situada no concelho de Santarém, sendo uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), a mesma abrangia a valência de Creche e de Jardim-de-Infância.

O espaço era dotado de dois andares, estando a valência de creche localizada no 1º andar e a de jardim-de-infância no rés-de-chão. O 1º andar era composto por quatro salas: o berçário, a sala de um ano, a sala de dois anos e a sala dos três anos. Cada sala dispunha de uma casa de banho/fraldário. Este andar continha ainda dois refeitórios (um para as crianças de creche e o outro para as crianças do jardim-de-infância), contendo uma copa (onde eram preparadas as refeições), o gabinete de coordenação, duas casas de banho para adultos e um vestuário para Educadoras e restantes funcionárias. O rés-de-chão era constituído por duas salas: a sala dos quatro anos e a sala dos cinco anos, cada uma delas com casa de banho. Tinha também uma arrecadação para guardar os materiais e um *hall* de entrada.

Relativamente ao espaço exterior, existem duas zonas de brincadeira, um ginásio, que é utilizado pelas crianças da creche e do pré-escolar para atividades extracurriculares (expressão físico-motora, judo e dança).

Apenas tenho a referir um ponto negativo acerca do espaço, já que dos dois espaços exteriores um está em remodelação e irá deixar de ser espaço exterior e o outro não está em condições de ser utilizado pelas crianças. Faz, de facto, falta um espaço deste género para que as crianças possam ter um recreio na rua e possam assim ter contacto com a natureza e respirem “ar fresco”, não estando sempre fechadas no edifício.

Pude verificar que a relação entre os adultos da instituição era colaborativa, bastante positiva e que também estabeleciam uma boa relação com as crianças, o que facilitava bastante o seu trabalho e proporcionava às crianças um ambiente de bem-estar, fundamental para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Como se pode verificar “*O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças (...)*” (OCEPE, 1997, p.31), ou seja os contextos educativos, tanto o físico como o humano onde as crianças se inserem são fundamentais para o processo de aprendizagem das mesmas.

O Projeto Educativo da valência de Pré-Escolar intitula-se por “Criar é Reciclar”, com o objetivo de sensibilizar as crianças a reduzir, reciclar, reutilizar e renovar os

materiais, preservando o Meio Ambiente e a Natureza. Deve, assim, inculir nas crianças hábitos de poupança de materiais, consciencializando-os do modo de como devem preservar o ambiente.

As valências são regidas por dois modelos curriculares, sendo que a creche tem como linha orientadora o modelo educativo do *High Scope* e o jardim-de-infância é orientado pelo modelo curricular da *Escola Moderna Portuguesa*, que tem como finalidade a criação de um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Assim, as crianças podem organizar o ambiente institucional, adquirindo conhecimentos e valores morais e éticos e desenvolvendo processos, no seu percurso histórico-cultural, promovendo assim a autonomia e a aprendizagem ativa da criança.

## **1.2 Caracterização da sala**

Relativamente à sala em que estava inserida, a sala dos cinco anos e do bibe verde estava dividida em dez áreas de trabalho, sendo elas: a área da escrita, a biblioteca, os jogos de construção, o faz-de-conta, a pintura, as ciências/matемática, a garagem, os jogos de caixa, a expressão plástica e a área de grande grupo. A área polivalente continha várias mesas, formando uma mesa grande, onde eram feitas as reuniões coletivas em grande grupo e que servia de suporte para outras atividades de pequeno grupo. Todas as áreas eram dotadas dos materiais necessários a um bom trabalho, estando arrumados e organizados de modo simplificado e acessível às crianças. A sala estava decorada com as produções diárias das crianças e com os instrumentos reguladores do Movimento da Escola Moderna, tais como: o mapa de atividades; o mapa de presenças; o diário de turma (dividido em quatro colunas: gostei; não gostei; fizemos; queremos fazer); a lista de projetos e o mapa do tempo. Todos estes instrumentos eram preenchidos diariamente pelas crianças e no final de cada mês a educadora avaliava os mesmos juntamente com as crianças.

Verifiquei que o ambiente da sala era bastante agradável e estimulante para as crianças, o que é muito importante, pois auxilia bastante o seu processo de aprendizagem. *“O bem-estar e segurança dependem do ambiente educativo, e, que a criança se sente acolhida, escutada e valorizada, o que contribui para a sua auto estima e desejo de aprender. Um ambiente em que se sente bem porque são atendidas as suas necessidades psicológicas e físicas (OCEPE, 1997, p.21).*

O modelo pedagógico presente na sala era o Movimento da Escola Moderna, assim sendo a rotina estava adaptada segundo o mesmo. O dia dividia-se em dois

momentos, o momento da manhã e o momento da tarde, tal como é defendido pelo MEM. Este movimento baseia-se na democracia, solidariedade e cooperação, sendo estas as bases para a ação educativa. Neste movimento o papel do educador é assegurar a participação plena por parte das crianças na gestão do currículo, para que elas se responsabilizem por participar no planeamento das atividades, se entrem ajudarem nas aprendizagens e poderem participar na sua avaliação. O educador tem o papel não só de ensinar, mas também de acompanhar e observar as atividades realizadas pelas crianças e de monitorizar o desenvolvimento das mesmas. Todos os instrumentos de regulação e organização são meios facilitadores de organização democrática e auxiliam a criança a integrar os exercícios de grupo. Para além disso permitem que as crianças possam participar na sua própria avaliação. Segundo Niza (1996), esta é a parte de “iniciação às práticas democráticas”. Na base do trabalho pedagógico do MEM está também o desenvolvimento de projetos e as aprendizagens que são desenvolvidas através dos mesmos e que decorrem dos interesses e questões levantadas pelo grupo e que também podem assomar por parte do educador.

A relação entre as crianças e a educadora era baseada numa grande cumplicidade e confiança, existindo respeito mútuo. Todo o trabalho realizado pela educadora suscitava um grande interesse por parte do grupo.

### **1.3 Caracterização das crianças**

A primeira semana de observação permitiu-me conhecer o grupo de crianças e o seu funcionamento. Este grupo era constituído por vinte e duas crianças, mais especificamente onze rapazes e onze raparigas, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos. A maioria das crianças frequentou a instituição na valência de creche, sendo de destacar o facto de ter sido a mesma educadora a seguir o grupo desde essa altura.

As crianças estavam familiarizadas com as normas e regras da sala e as suas rotinas. Eram crianças bastante interessadas, participativas, simpáticas e brincalhonas. Brincavam, faziam atividades e existia entre elas uma grande amizade e espírito de ajuda, existia entre elas uma grande amizade e espírito de ajuda. De acordo com a faixa etária, eram crianças bem comportadas, respeitadoras, educadas e cativantes, notando-se boas capacidades de aprendizagem.

Com este tempo de estágio consegui conhecer cada criança, os seus interesses, o seu comportamento, as suas competências, as suas dificuldades, os seus gostos, a sua maneira de ser, as suas brincadeiras e estive atenta aos pormenores de cada uma

delas, já que todas são diferentes na sua maneira de ser e na sua forma de atuar. Encontrei crianças mais tímidas na sua forma de atuar e na sua forma de interagir com os outros e encontrei também crianças mais extrovertidas, mais confiantes em si próprias, sendo que nem sempre, estas duas vertentes se refletiam da mesma forma nos resultados obtidos nas sala de aula. Ou seja, nem sempre os mais extrovertidos são os mais atentos na sala. Acho fundamental conhecer cada criança e o grupo em que se insere para fazer um bom trabalho como educadora, pois assim posso adequar a minha intervenção às características do grupo com que estou a trabalhar. “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades (...) são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (Ministério da Educação, 1997, p.25).

#### **1.4 Projeto de Intervenção**

Com o tempo de estágio, através da observação, do conhecimento do grupo, das suas principais características, do plano de atividades da instituição e do projeto da educadora, consegui estabelecer os principais pontos para elaborar um projeto de intervenção. O projeto da educadora cooperante que se intitulava “Vamos aprender a ser autónomos”, tinha como principal objetivo promover a autonomia do grupo ao nível das tarefas do quotidiano, uma vez que as crianças iriam ingressar, em breve, no 1.º ciclo. O projeto de estágio efetuado baseou-se neste tema e intitulou-se: “Estamos a ficar crescidos”, estava de acordo com os anteriormente referidos e teve a preocupação de manter uma certa continuidade com o projeto da educadora, já que as crianças tinham entre 4 e 5 anos de idade e iriam ingressar no 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico. Para este efeito efetuámos um jogo inventado por mim, que se chamava “Crescer, crescendo” e promovemos diálogos e questionários com as crianças nos quais lhes eram feitas várias perguntas, como por exemplo: “o que era para eles ser crescido”. O referido projeto permitiu que houvesse um equilíbrio entre as diversas áreas de conteúdo presentes nas Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar e tendo as seguintes finalidades: desenvolver e fomentar a autonomia, a autoestima e o interesse pela aquisição de novos conhecimentos; promover o autoconhecimento; saber expressar-se acerca dos temas e conhecimentos abordados; abordar temas sugeridos ou do interesse das crianças; fomentar o trabalho em grupo, para que as crianças se preocupem com o bem-estar coletivo e auxiliar as crianças no conhecimento do 1.º ciclo do ensino básico. Para atingir os objetivos definidos foram seguidas as seguintes

estratégias: quando as crianças estavam nas suas atividades eu estava sempre disponível para as apoiar, estimular nas suas aprendizagens; questionar sobre o tema que se iria abordar; planificar, avaliar as tarefas/atividades com os alunos; trabalhar individualmente ou em pequenos grupos (de modo a conhecer as potencialidades e dificuldades de cada criança); e registar as atividades realizadas. Para a avaliação do mesmo utilizaram-se registos fotográficos; registos escritos elaborados com as crianças (Exemplos: diário de turma, comentários sobre as atividades realizadas) e grelhas de observação.

### **1.5 Exemplos de atividades**

No que diz respeito às minhas intervenções, foquei ao máximo a minha atenção no superior interesse das crianças com o intuito de que elas se sentissem descontraídas e à vontade comigo, já que, a meu ver isso era essencial.

Ao longo da minha intervenção, planifiquei por forma a ir de encontro às necessidades do grupo, ao projeto educativo, ao projeto da educadora e ao projeto que realizei com o meu par de estágio “Estamos a ficar crescidos”, adequando os objetivos e as estratégias aos mesmos. Foram diversas as atividades realizadas, a saber, uma relacionada com a castanha, onde as crianças contactaram com um ouriço da castanha, houve um diálogo sobre o mesmo, uma história “O ouriço picadela”, que explicava como aparecia a castanha e foi ensinada uma música com a respetiva coreografia; foi também feito um diálogo sobre o que é ser crescido, que se complementou posteriormente com um jogo a seguir mencionado; foi feita uma reunião com as crianças para escolhermos temas que eles gostassem de saber e foram realizadas colchas para as caminhas das bonecas com cartão e recortes através da pavimentação, todas tiveram como principal objetivo que as crianças soubessem trabalhar em grupo ou a pares e tivessem contacto com novos temas e objetivos ligados ao projeto de intervenção, das quais saliento duas:

#### **“Porque chove?”**

Previamente foi realizado um pequeno diálogo em grande grupo com as crianças, onde apresentei o tema “A chuva”, no qual perguntei qual era a sua opinião. Depois de ouvidas as suas opiniões fiz uma explicação sobre o que realmente acontece para que chova. O chão também tem água, o sol aquece o chão promovendo a subida dessa água para atmosfera em forma de vapor, dando origem às nuvens que todos conhecemos. Para clarificar e facilitar um pouco a explicação contei a história “ A

História de uma Gotinha de Água”. Como não se tratava de um livro, à medida que li a história mostrei imagens no computador, imagens essas que facilitaram a compreensão do tema. Depois do diálogo e da leitura da história, perguntei às crianças para onde queriam ir brincar e em seguida chamei um grupo de quatro crianças, à vez, para promover uma melhor compreensão do que se iria passar, para que pudessem cooperar entre si e participar ativamente na atividade.

No decorrer da experiência pedi a uma criança para encher um copo com água, de seguida, pedi a outra criança para pôr espuma de barbear no topo do copo, comparando a espuma com as nuvens e na continuação, outra criança encheu a seringa com corante alimentar e ainda outra criança colocou o corante por cima da espuma de barbear, para que todas participassem. Nesta fase da atividade experimental as crianças podiam observar o corante a “cair”, parecendo a chuva. No decorrer da experiência foi explicado o que acontece à água e às nuvens para que as crianças consigam estabelecer a ligação entre a realidade e a experiência. No final de toda a atividade, solicitei às crianças a realização de um desenho sobre o que tinham observado, também em pequenos grupos. Depois de as crianças terminarem o desenho, perguntei o que tinham feito no mesmo e questionei-as com a questão óbvia: “Porque Chove?”. Deste modo tive uma clara noção da percepção das aprendizagens que as crianças fizeram e o que compreenderam do que lhes foi explicado. As crianças gostaram muito de participarem nesta experiência, ficaram a comentar e mostraram ter percebido como funciona o processo que conduz à pluviosidade.

### **“Crescer Crescendo”**

Inicialmente foi feito um diálogo com as crianças, em grande grupo, sobre o que é para elas ser crescido, registando as respostas dadas à medida que elas foram falando. Tenho uma ideia pré formada sobre o conhecimento que elas, em geral, têm sobre os diversos temas, e por conseguinte sei sobre o que é essencial falar com elas para que aprendam e compreendam.

No fim do diálogo apresentei ao grupo o jogo, “Crescer, Crescendo”, acima mencionado - este jogo serve para as crianças aprenderem as regras de comportamentos, alguns valores e algumas ideias prévias do que irão encontrar no 1º ciclo e como têm de se comportar até chegar lá, de modo a que estejam preparados para essa mudança. Este jogo não fala dos conteúdos que irão ser abordados no 1º ciclo, antes aborda pequenos exemplos e alguns conselhos sobre o comportamento que

têm de ter. Através do jogo as crianças conseguem aprender de forma lúdica e divertida. O jogo apresenta uma mensagem de várias personagens que criei para contextualizar o jogo, cartões com algumas mensagens e conselhos para as crianças, através dos quais retêm os comportamentos e valores a terem em conta. Para além destes cartões existem outros com tarefas para tornar o jogo mais dinâmico e interessante para esta faixa etária. Além destes conhecimentos, as crianças aprendem a jogar em equipa, e não se preocupam apenas com elas próprias, mas sim com todos os elementos da equipa, pois estão a trabalhar para o mesmo fim. Isto permite que as crianças se preocupem umas com as outras, criando nelas o espírito de grupo e de entreajuda.

Antes de começar o jogo, dividi o grupo em pequenas equipas, apresentei o jogo às crianças, explicando o que ele continha, quais as suas regras e as suas instruções, tendo efetuado uma jogada com algumas crianças a título de exemplo. Depois das crianças estarem familiarizadas com o funcionamento do jogo, dei início ao mesmo. No decorrer do jogo auxiliei o grupo em qualquer dúvida que pudessem ter. Quando terminou o jogo questionei as crianças sobre o que aprenderam, sobre o que o jogo lhes ensinou e o que achavam que tinham de fazer para serem realmente meninos “crescidos”. Consegui perceber que as crianças apreenderam as regras comportamentais e perceberam que no 1.º Ciclo, por já serem mais crescidas, as regras seriam diferentes e o que se esperava deles seria também diferente.

Relativamente à avaliação, tomei em conta todas as planificações que realizei, as aprendizagens das crianças e o seu comportamento. A avaliação que achei mais importante foi a das crianças, pois assim pude verificar o que elas aprenderam, e se os métodos utilizados por mim foram os mais acertados para poder adequar o processo educativo ao grupo em futuras ações.

*“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção, para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.” (OCPE, 1997, p.27)*

Para me auxiliar nesta avaliação utilizei a grelha de observação e a grelha de avaliação que eram preenchidas com a ajuda das crianças, o registo fotográfico, os registos das crianças, o produto final de algumas atividades e o diário de turma.

## 1.6 Avaliação do Percurso de estágio

Como educadores temos um forte papel na construção dos saberes, dos valores e do carácter de cada criança, pois vamos ajudar a construir e solidificar a suas bases para o futuro. Tentei sempre ir ao encontro das crianças e não serem elas a vir ao meu encontro, já que para mim essa é uma característica essencial de um educador.

É sempre bom chegar ao pé da criança e “descer ao nível dela”, devemos agachar-nos, olhá-las nos olhos e falar com elas para que sintam o seu verdadeiro valor, e verem que estamos ali disponíveis para elas, e para as acompanhar e ajudar.

No decorrer do estágio, a minha maior facilidade foi a relação com as crianças. A relação que consegui estabelecer com as crianças logo na primeira semana fascinou-me. Adorei a forma como elas me integraram e a forma como me trataram, mesmo não me conhecendo. Consegui criar uma certa cumplicidade com elas o que me auxiliou nas atividades e na relação que com elas mantive. Além deste ponto muito positivo, também me relacionei sempre muito bem com a educadora cooperante e com os restantes membros da instituição. Soube sempre arranjar atividades adequadas às crianças para motivar o seu interesse e soube sempre adequar o meu comportamento ao que a situação exigia.

No tempo de observação pude ver o trabalho da educadora, a forma como ela falava com as crianças, a forma como decorria a rotina da sala, a relação que estabelecia com o grupo e as atividades que desenvolvia e isso ajudou-me bastante a criar as minhas próprias bases de como intervir e agir, já que de todas as situações que ocorreram e a forma como foram resolvidas ou solucionadas pela professora, para quem não tem nenhuma experiência nessa área, são ensinamentos preciosos e que nunca podem ser desperdiçados.

Sempre aceitei as críticas construtivas, nomeadamente sobre a forma de intervir e de planificar, tanto por parte da educadora cooperante como por parte da docente orientadora, como ferramentas essenciais para melhorar o meu trabalho. A meu ver tive um comportamento adequado como estagiária e sempre respeitei todos os que estavam à minha volta e como tal também fui respeitada. Gostei bastante de intervir neste estágio, apesar das dificuldades inerentes.

Relativamente às minhas dificuldades, a maior foi descobrir como intervir usando o modelo orientador daquela instituição, o MEM. Mas ao expor essa dúvida à educadora e à minha orientadora de estágio, ambas me auxiliaram, me explicaram as suas especificidades e orientaram sobre como proceder, como intervir e quais os instrumentos utilizados para esse efeito.

Na minha intervenção por vezes senti muita insegurança, não estava absolutamente certa de estar a agir da melhor forma, e essa insegurança foi um ponto negativo na minha intervenção e acho que, de alguma forma, me prejudicou.

Tinha receio que as minhas planificações não tivessem adequadas, estivessem mal organizadas, que as minhas atividades não fossem a melhor escolha, que não soubesse adequar a minha intervenção ao modelo presente na sala e em como gerir o tempo da melhor forma, pois por vezes não tinha noção do tempo que durava uma determinada atividade. Com o tempo e a prática fui melhorando todos estes aspetos.

Com o presente estágio consegui conhecer as minhas dificuldades em campo e aprendi a ultrapassá-las. Para além disso tive a perceção plena do que é realmente ser educadora e pude “vestir” esse papel. Isso foi muito importante quer a nível pessoal quer a nível profissional já que pude contactar com as crianças, conhecer as rotinas presentes num jardim-de-infância, ter contacto com a Instituição, os projetos e as planificações.

Todas as minhas aprendizagens durante o estágio foram feitas através da experiência, dos diálogos com a educadora, das planificações que tive de fazer, com os diálogos com a docente orientadora e com as crianças.

## **2. Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico (1º ano)**

### **2.1 Caracterização da Instituição**

O presente estágio decorreu numa Escola Básica do agrupamento do distrito de Santarém, na valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico. A Escola regula-se pelo projeto do agrupamento que tem como objetivo a promoção de uma educação para todos, assegurando a diferenciação pedagógica, articulada entre os diferentes níveis de ensino e a diversidade. A mesma organiza-se em dois andares, o rés-do-chão e o primeiro andar. O rés-do-chão é constituído pela copa, três dispensas, um refeitório, uma casa de banho mista para os alunos e outro para as crianças do Pré-Escolar e contém ainda duas salas, uma pertencente ao pré-escolar e a outra ao 1.ºCiclo, mais propriamente a turma de 1.º e 4.º ano.

No que respeita ao primeiro andar, este contem uma outra sala para o 1º Ciclo, pertencente a uma turma de 2.º e 3.º ano, uma sala de professores e duas casas de banho, uma para rapazes e outra para meninas e professoras, para além dos espaços, contem ainda um elevador, que não estava a funcionar, tinha armários de arrumação e

cada sala do 1.º Ciclo continha dois quadros de ardósia e um quadro interativo. No que respeita aos quadros de ardósia, dentro de sala, era um para cada ano escolar e os quadros interativos eram para ambos os anos constituintes da turma. Para além deste espaço interior, contém um espaço exterior, adequado ao recreio, que contém um escorrega, um baloiço e espaço para as crianças brincarem, correrem saltarem, etc. Wenezze & Stigger (2006) afirma, que o recreio é um espaço favorável para um bom desenvolvimento motor e social, permitindo à criança expor as suas emoções, trocar experiências, viver aventuras, conquistar a sua própria liberdade, vivenciar sentimentos, selecionar os seus amigos, agir e interagir perante qualquer situação.

A meu ver, esta escola é dotada de um bom espaço, contém todos os meios físicos e materiais necessários ao bem-estar, aprendizagem e segurança das crianças. Tem um ambiente familiar e acolhedor o que é muito positivo para todos os intervenientes, sejam eles professores, auxiliares ou crianças. Com o que observei, pude verificar que a relação entre os adultos da instituição era muito positiva e todos cooperavam entre si, contribuindo para um bom funcionamento da instituição. Constatei ainda que estabeleciam uma boa relação com as crianças, o que facilitava bastante o trabalho de todos os intervenientes e promovia um bom ambiente geral.

## **2.2 Caracterização da sala**

A sala em que eu estava inserida continha dois anos de escolaridade, o 1.º e 4.º ano. A mesma continha todos os materiais necessários, três quadros, um de ardósia, um interativo (que se encontrava a seu lado) e um quadro móvel. Continha móveis para arrumações, uma mesa com um computador para utilizar com o quadro interativo e para a professora cooperante escrever os sumários e os cartazes acerca das matérias dadas nas paredes. A sala estava organizada de uma forma diferente do habitual. Todas as mesas estavam viradas para um quadro, visto que existiam dois anos diferentes dentro da mesma sala. Neste caso, metade das mesas estava virada para o quadro de ardósia, onde se sentavam as crianças do 4.º ano e a outra metade encontrava-se virada para o lado oposto, para o quadro móvel, onde se sentavam os alunos do 1.º ano.

A meu ver a sala encontrava-se bem organizada, embora por vezes esta organização não facilitasse o funcionamento das aulas, pois para utilizar o quadro interativo com as crianças do 1.º ano (viradas para o lado oposto) tornava-se complicado. Teriam de se virar para trás, ou teriam de trocar de lugar com os alunos de

4.º ano, o que perturbaria um pouco o funcionamento da aula e a concentração dos alunos.

### **2.3 Caracterização das Crianças**

A turma era constituída por vinte e seis crianças, sendo treze do primeiro ano de escolaridade e as outras treze do quarto ano. Apesar da existência de dois anos de escolaridade, eu e a minha colega de estágio entrevistamos no primeiro ano de escolaridade, no entanto caso fosse necessário auxílio para o quarto ano, a estagiária que não estivesse a intervir diretamente na semana, podia ajudar. O grupo de crianças do 1.º ano continha cinco alunos do sexo masculino e oito alunos do sexo feminino, as idades variavam entre os seis e os sete anos de idade.

Os alunos conheciam bem a professora, por isso sabiam que comportamento manter com ela e o que deviam ou não fazer. Estavam familiarizados com o ambiente educativo e com as regras da sala. Os alunos do primeiro ano eram interessados, gostavam de aprender, eram simpáticos, respeitadores e na sua maioria eram muito participativos. Tendo em conta a faixa etária, tinham um comportamento adequado, colocavam o dedo no ar para falar, realizavam todos os trabalhos que lhes eram solicitados, tinham grande vontade de aprender e grandes capacidades de aprendizagem, mostrando estarem familiarizados com a rotina escolar.

### **2.4 Projeto de Intervenção**

Durante a semana de observação eu e o meu par de estágio questionámos a professora cooperante sobre alguns tópicos que iriam ser importantes para adaptarmos a nossa intervenção, o projeto que a professora seguia e como eram as suas planificações. O Projeto de Escola, não havia um específico, mas existia um Plano Anual de Atividades, onde estavam definidas algumas atividades que estavam em concordância com o Projeto do Agrupamento. Existia o Projeto Curricular de Turma, para o 1.º Ano que apresentava alguns pontos a serem desenvolvidos, como as competências dos alunos ao nível da compreensão de textos, das atitudes e capacidades, do raciocínio matemático, da autonomia, da responsabilidade, da interação entre os alunos, do gosto pela leitura e pela escrita, pela cultura e pelo gosto pela pesquisa e pelos novos saberes. Para isso, o projeto continha uma distribuição das

diferentes áreas ao longo da semana, de forma flexível, ajudando a organização do trabalho da docente e para que as áreas pudessem estar interligadas, pois aqui estava presente a monodocência e a interdisciplinaridade.

Portanto, para definir o projeto de estágio houve uma conversa com a professora cooperante para que o projeto fosse de encontro às necessidades dos alunos. Nesse sentido, apercebemo-nos de que os alunos tinham pouco vocabulário pelo facto de estarem no início do percurso escolar. Assim, o projeto de estágio foi definido de acordo com essa dificuldade, intitulando-se “*Vocabulês*”, tendo como principal objetivo alargar o vocabulário da turma. Para que fosse possível implementar este projeto foi desenvolvida uma atividade transversal todas as semanas, estando presente nas planificações. A mesma consistia na realização de um calendário em que todos os dias um aluno ficava responsável por procurar uma palavra desconhecida e no final da semana, com a ajuda das professoras estagiárias, cada um deles procurava no dicionário a definição dessa mesma palavra. Posteriormente, os alunos escreviam a palavra, a sua definição e um desenho que a ilustrasse numa folha correspondente ao seu dia da semana. Depois na última semana de estágio, cada aluno apresentava a sua palavra, o seu significado e a respetiva ilustração aos colegas.

A principal finalidade do projeto era que os alunos se apropriassem de novos vocábulos através das palavras escolhidas pelos colegas; conhecer o significado das novas palavras, sendo que ao longo do estágio foram pesquisando várias palavras e na última semana puderam lembrar o seu significado e puderam dar a conhecer aos colegas outros vocábulos e desenvolver o gosto por novos saberes. Ao pesquisar palavras desconhecidas estimulávamos ainda a capacidade de pesquisa dos alunos. Para atingir as referidas finalidades foram definidas as seguintes estratégias: presença da atividade principal do projeto semanalmente nas planificações; colaboração dos alunos (sendo que os mesmos tinham o papel principal e ativo na atividade); e as planificações do par de estágio tinham momentos de esclarecimento de dúvidas relativamente ao vocabulário, avaliando o projeto através da lista de verificação da realização da atividade, das produções finais dos alunos e da apresentação final de todas as palavras recolhidas.

## **2.5 Exemplos de atividades**

Visto este estágio ter sido realizado em valência de 1.º ciclo, foram diversos os conteúdos abordados, irei fazer apenas uma pequena referência a algumas atividades

sem me alongar muito e posteriormente descreverei duas aulas como exemplo da minha intervenção. São elas: visualização de imagens para iniciar o caso de leitura de “s com valor de z”, onde as crianças tentaram escrever o nome do que estava representado na imagem e a realização de exercícios de consolidação no caderno; Resolução de uma ficha de trabalho de matemática com situações problemáticas para contactar com a centena e saber o seu valor numérico. Foi realizado um jogo com bolas “saltitonas” e para consolidar foram realizados exercícios com o material multibásico; Iniciação ao tema “As Plantas”, através de um *power point* que ilustrava o mesmo, onde as crianças foram questionadas sobre as imagens e posteriormente foi realizada uma ficha de consolidação; A adição e subtração através de um jogo com cartas deste conteúdo, onde os alunos iam a pares ao quadro resolver as operações apresentadas e depois realizaram exercícios no caderno; Caso de leitura: “ãos, ães, ões e singular e plural”, onde foram apresentadas imagens de “singulares com os casos de leitura” (ex.: uma mão, um limão, um pão,...), essas palavras eram escritas no quadro e as crianças tentavam “fazer o plural” da palavra, fazendo o registo no caderno; Prenda para o dia da mãe, uma bolsa para as canetas, um postal e um saco de embrulho; Estados do tempo onde foram realizados puzzles a pares (cada puzzle tinha uma imagem de um estado do tempo. Ex: um sol, nuvens, chuva, etc.) e depois foi apresentado esse tema com o apoio do manual; dança, onde foi ensinada uma coreografia pois era o dia mundial da dança; Realização da “Feira do faz-de-conta”, onde existiam objetos para comprar “faz-de-conta”, uns alunos compravam e outros vendiam (com o dinheiro faz-de-conta), assim foi dado o tema do dinheiro, articulado com expressão dramática, entre outras, destacando duas atividades:

#### **“Caso de leitura: az,ez,iz.oz,uz”**

A professora estagiária realizou o jogo “o dado surpresa”, pedindo a cada aluno para lançar o dado. O dado tinha as faces coloridas, cada uma delas com uma cor diferente e cada cor correspondia a um conjunto de cartões (Ex.: face verde pertencia ao grupo dos cartões verdes,...). Cada cartão continha uma imagem e o seu nome, deste modo, a estagiária perguntava ao aluno que lançou o dado como se lia a palavra, escrevia a palavra no quadro e ajudava a criança a perceber qual o som da mesma. De seguida escrevia no quadro o caso de leitura e pedia para que os alunos a passassem para os seus cadernos. Depois de todos terem terminado, entregava um pequeno texto aos alunos que continham palavras com este caso de leitura e lia em voz alta para que a turma se apercebesse dos diversos sons. A seguir solicitava a cada criança que lesse

em voz alta, individualmente. No final, passava no quadro diversos exercícios de consolidação de conhecimento e fazia a devida correção em conjunto com os alunos.

### **“ Jogo 4 em 1”**

Jogo tinha este nome porque englobava quatro áreas curriculares: português; matemática; estudo do meio e expressões, sendo realizado no último dia de estágio pois continha os conteúdos dados ao longo de todas as intervenções.

A turma foi dividida em pares, a professora estagiária entregou folhas de papel necessários para o jogo e escreveu no quadro os nomes dos pares para registar os seus pontos. O jogo teve início quando a professora estagiária pediu a um dos pares que retirasse um cartão, esse cartão continha quatro questões (uma para português, uma para matemática, uma para estudo do meio e a última uma tarefa de expressões: por exemplo: “emita um pato”,” desenha um animal”, entre outros). A estagiária colocou as questões, e se acertassem em todas as questões e realizassem a última tarefa, o par ganhava um ponto, e assim sucessivamente com todos os pares. Os outros pares tinham de estar atentos, pois se o par questionado não soubesse alguma resposta a professora estagiária podia solicitar a outro par que respondesse. O par que tivesse mais pontos ganhava.

## **2.6 Avaliação do percurso de estágio**

Em relação às minhas intervenções fiz o possível por planificar corretamente o ano de ensino, adequando-as aos interesses da turma e aos da professora cooperante, utilizando as planificações como “guia” para conseguir abordar os pontos essenciais de cada conteúdo. Planifiquei atividades diversificadas de forma a auxiliar a aprendizagem das crianças, a estimular o seu interesse pelos conteúdos atingindo assim todos os objetivos que estabeleci. Segundo Falkembach (2006, p.4), “o uso das ferramentas computacionais, de forma lúdica propicia flexibilidade e criatividade fazendo o aluno explorar, pesquisar, encorajando o pensamento criativo, ampliando o universo, salientando a curiosidade, alimentando a imaginação e estimulando a intuição, e tudo isso contribui para a aprendizagem.”

No decorrer das intervenções auxiliei todos os alunos no que necessitavam, rodava por todos os lugares de forma a observar cada aluno, o trabalho que estava a

desenvolver e perceber as suas facilidades e dificuldades. Penso que tive facilidade em gerir o grupo, apesar de às vezes estarem inquietos consegui dinamizar todas as atividades com eles, abordar os conteúdos previstos, todos fizeram o que lhes solicitei e a turma estava quase sempre organizada. No que concerne às minhas dificuldades, tive algumas na avaliação, mas com a leitura dos textos que a docente orientadora me facultou e com os seus conselhos, acho que consegui ultrapassar esta limitação. Outra dificuldade foi o facto de ser um pouco insegura, tinha sempre medo de errar e de que os alunos não conseguissem aprender com a minha intervenção. Aceitei as críticas construtivas, tanto da professora cooperante como da docente supervisora, críticas essas que são bastante importantes para o meu desenvolvimento profissional, já que fico com uma melhor noção de como agir, e de como posso melhorar.

Com o estágio aprendi como colocar os conhecimentos científicos e teóricos em prática, e aprendi a organizar as aulas e a planificá-las. Os conhecimentos científicos adquiridos durante todo o Mestrado, nomeadamente ao nível da pedagogia e das didáticas, para referir apenas alguns, foram fundamentais para a prossecução do meu trabalho. Os conhecimentos teóricos forneceram-me diversos tipos de ferramentas, nomeadamente ao nível da pesquisa e do saber usar em prol do meu trabalho como futura educadora/professora. Pude contactar e relacionar-me com as crianças, com a sala de aula, com a rotina de uma sala de primeiro ciclo e de como aplicar na prática tudo o que aprendi. Estive em campo a ensinar e a ter que tomar as minhas próprias decisões. Tive várias conversas com ambas as docentes, e aprimorei a construção das planificações e a escolha dos materiais a usar sobretudo pude adquirir experiência de como gerir as diversas situações com que tive de me deparar.

### **3. Estágio em Educação de Infância (Creche)**

#### **3.1 Caracterização da Instituição**

Este estágio foi completamente diferente dos realizados durante o percurso anterior ao mestrado, tendo a duração de apenas duas semanas. Este facto para mim foi um ponto negativo pois não me permitiu observar e participar tão aprofundadamente no contexto de creche, pois quando estava a começar a conhecer as rotinas e as crianças, já o estágio estava a terminar.

O estágio decorreu numa Instituição do distrito de Santarém, sendo uma instituição particular de solidariedade social (IPSS). O Jardim- de- infância continha um

espaço excelente e amplo, era dotado de todos os meios físicos e materiais e tinha um ambiente adequado, favorecendo a segurança e o bem-estar das crianças. É de salientar que tinha um ótimo espaço exterior, tendo um pátio revestido para quando chovesse, onde as crianças brincavam no recreio, pois este estava incorporado no espaço do jardim-de-infância e, ainda, o exterior da instituição com árvores, animais e relvado, sendo que era sossegado, era adequado e tinha todas as condições para as crianças poderem estar nesse espaço, e poderem ter contacto com a natureza.

O edifício era composto por dois andares, o primeiro andar era constituído por uma sala de berçário e uma sala de um ano e no segundo haviam as salas de creche, salas de jardim-de-infância, sala de acolhimento, um *hall*, três refeitórios, oito casas de banho para crianças e duas para adultos, uma cozinha e uma sala destinada ao pessoal integrante da instituição. A instituição continha diversas valências, sendo elas: Creche, Jardim-de-infância, Cento de Atividades de tempos Livres (C.A.T.L.) e serviços de apoio social (S.A.D.). Pude constatar ainda que os adultos da instituição tinham uma ótima relação, notando-se bastante cooperação entre todos e com as crianças, criando assim, um ambiente adequado e facilitador para o bem-estar das crianças, essencial para o seu bom desenvolvimento.

O Projeto educativo da instituição tinha como tema-base “Saúde e Bem-Estar”, tendo como principal objetivo oferecer às crianças uma alimentação adequada e saudável, já que na sociedade de hoje cada vez mais surgem doenças derivadas da alimentação desadequada. Portanto, é importante incutir nas crianças durante a infância uma boa alimentação para um desenvolvimento e crescimento normal. Existe ainda incorporado neste projeto o objetivo de sustentar o bem-estar, através do aproveitamento do espaço livre, jogos, piqueniques e passeios pela quinta. As famílias são envolvidas neste projeto, de forma a motivar a sua participação e contribuição ativa, para existir uma alteração dos estilos de vida das crianças, permitindo-lhes assim um crescimento saudável.

### **3.2 Caracterização da sala**

O projeto de sala, elaborado pela educadora cooperante, estava enquadrado com o tema do projeto educativo, “Saúde e Bem-Estar”. Tendo como principal finalidade, formar as crianças como seres individuais, ou seja, educar sem que a criança perca o “seu eu” e fazê-lo em sintonia com a família, a comunidade e o meio envolvente, por

forma a existir um crescimento harmonioso e equilibrado e formar assim indivíduos com princípios e valores próprios não deixando para trás o bem-estar físico e emocional.

No que respeita à sala em que estava a estagiar, como já referi, era uma sala de dois anos. A mesma era bastante ampla, com muito espaço para as crianças se deslocarem e brincarem e tinha bastante claridade natural. Estava dividida em áreas: a área da biblioteca que continha livros para as crianças, a garagem que tinha brinquedos ligados a este tema (carros, motas, ferramentas, etc.), área reservada às ciências contendo vários materiais vindos da natureza (tais como: conchas, pinhas, cascas de frutas, areia, entre outros), para que as mesmas tivessem contacto com objetos vindos da natureza que as rodeia, a área da casinha, onde as crianças brincavam ao faz de conta (tinha uma mesa pequena, uma mini cozinha, bonecas, caminhas pequenas, alimentos de plástico, pratos e talheres de brincar, entre outros) e a área dos jogos, onde as crianças tinham jogos adequados à sua faixa etária (como por exemplo: puzzles, jogos de madeira, entre outros). A sala continha também armários para as arrumações, mesas, cadeiras para os trabalhos com as crianças, os materiais da educadora, um colchão para a hora do acolhimento e as almofadas das crianças.

Relativamente às rotinas, de manhã fazia-se o acolhimento, depois existia um espaço de tempo para atividades dirigidas e brincadeira livre, nas segundas, terças e quintas existiam as atividades extra, de seguida, antes do almoço fazia-se a higiene, as crianças almoçavam, voltavam a fazer a higiene e iam para a hora de repouso. Quando acordavam iam ao W.C., iam ao lanche e no final voltavam a fazer a higiene para irem brincar até irem para casa. Com o que pude observar e com as conversas informais que mantive com a educadora, estas rotinas eram um grande meio de aprendizagem, sendo essencial para o desenvolvimento da criança, pois é através das repetições que as crianças nesta idade têm facilidade em adquirir novas aprendizagens.

### **3.3 Caracterização das Crianças**

O grupo de crianças era constituído por dezasseis crianças, treze do sexo feminino e três do sexo masculino. As crianças eram muito brincalhonas, simpáticas e carinhosas, algumas delas já eram muito autónomas, conseguindo ir ao W.C. sozinhas e também fazer algumas tarefas dadas pela educadora ou pela auxiliar, como por exemplo: “Vai pôr a chucha na mala”, “O babete no saco de plástico”, entre outras, o que denotava um grande desenvolvimento para a idade. Outras crianças, como eram mais novas, não eram ainda muito autónomas, o que é normal para a idade, mas com

as conversas informais pude perceber que estavam a desenvolver-se bem e que já mostravam algumas mudanças positivas neste sentido.

Todo o grupo gostava de brincar na área da casinha e mostrava grande interesse pela área da biblioteca. Gostavam de explorar novos elementos que podiam surgir na sala e adoravam cantar, sendo que nos momentos em que as crianças estavam paradas o par de estágio cantava músicas e as crianças mostravam um grande interesse em aprender as músicas e alguns gestos referentes às mesmas.

### **3.4 Projeto de Intervenção**

Depois do conhecimento do grupo, das suas características, do trabalho da educadora e da instituição, o par de estágio pôde definir o seu projeto. O par encontrou algumas dificuldades em elaborar o projeto certo, pois tínhamos pouco tempo para conhecer o grupo, quais as melhores atividades e as mais adequadas, no entanto acho que fizemos o melhor que podíamos, dadas as circunstâncias.

O projeto realizado estava articulado com o projeto de sala, tendo como base a alimentação e os cinco sentidos, dando especial importância ao sentido do tato, pois havia pouco tempo para desenvolver todos. O mesmo envolveu as áreas definidas no Manual dos Processos-Chave para Creche, sendo elas a Área de Formação Pessoal e Social, a Área das Expressões e a Área do Conhecimento do Mundo. O par de estágio definiu o projeto através do tempo de observação, do conhecimento do grupo, de conversas informais com a educadora e auxiliar, do Projeto Educativo da Instituição e do Projeto Pedagógico da sala.

Atendendo a que as crianças nestas idades estão na fase do egocentrismo e estão à descoberta da existência do mundo exterior, o par de estágio pretendeu que com este projeto, as crianças deste grupo fossem capazes de perceber a noção temporal, que desenvolvessem os cinco sentidos (mais concretamente o tato), a linguagem oral, que conhecessem novos objetos e situações do mundo exterior, do mundo envolvente. Este projeto permitiu criar um fio condutor com o que as crianças tinham vindo a desenvolver e que iriam continuar a desenvolver, não existindo um desfasamento. O projeto educativo da instituição e o projeto pedagógico de sala, tinham como tema “Bem-Estar e Saúde”, o projeto que realizámos denominava-se “*AlimentóTato*”, pois incorporava atividades que ajudavam a desenvolver os sentidos, estando presente o tema da alimentação, que era o tema base da instituição e um tema bastante abordado na

sociedade contemporânea, já que é um ponto essencial para o equilíbrio e para a saúde das crianças.

Através das pesquisas efetuadas pudemos tomar conhecimento de que nas primeiras faixas etárias as crianças aprendem, fundamentalmente, através de interações sensoriais e motoras, descobrindo, sentindo, experimentando e conhecendo o mundo que as rodeia, tal como refere Rousseau (1985) *cit in* Carvalho (2005, p.68): “... a sentir o calor, o frio, a dureza, a debilidade, o peso, a ligeireza dos corpos, a considerar o seu tamanho, a sua figura e todas as suas qualidades sensíveis, olhando, apalpando, ouvindo, sobretudo comparando a vista com o tato, estimulando com o olho a sensação que provocariam os dedos”. Sendo que, nos dois primeiros anos de vida do ser humano, os sentidos são os condutores fundamentais ao bom desenvolvimento e ao estabelecimento de aspetos fundamentais da sua personalidade e temperamento Diamond e Hopspn (2000) *cit in* Carvalho (2005). Portanto, é através da descoberta de novas sensações que as crianças aprendem e se apropriam do mundo envolvente.

Para isso o par estabeleceu como metas: o grupo conhecer uma nova fruta, a laranja; desenvolver o sentido do tato; desenvolver o sentido do paladar; o sentido da visão; a capacidade de concentração; desenvolver a linguagem; desenvolver a capacidade de comunicação; desenvolver a noção temporal; desenvolver o nível social e facilitar os laços entre educadoras estagiárias e as crianças.

### **3.5 Exemplos de atividades**

No decorrer do estágio eu e o meu par de estágio realizamos algumas atividades dirigidas e planificadas, no entanto estas planificações eram apenas uma forma de termos o nosso trabalho organizado, pois eram bastante flexíveis e podiam ser alteradas, se necessário, indo ao encontro dos interesses das crianças. Visto ser um estágio mais curto, as atividades foram partilhadas entre as duas estagiárias. Sendo elas: A atividade “Fruta Variada”, onde o grupo comeu vários tipos de fruta (maçã, banana, romã e pera), estando a brincar livremente no recreio; “Fantasmas do dia das bruxas”, onde foram dadas às crianças folhas de plátano e as mesmas esponjaram-nas com tinta branca e fizeram os olhinhos com tinta preta, de forma a parecer um fantasma e a “Gelatina *Tutti-Frutti*”, como foi realizada uma atividade com laranjas, foram aproveitadas as suas cascas e com a ajuda das crianças fez-se a gelatina e usou-se a casca da laranja como taça.

### **“A Laranja”**

As educadoras estagiárias começaram por sentar as crianças no tapete e a ajudá-las a colocar os babetes. Depois dão as laranjas a cada criança, previamente lavadas, para que as crianças pudessem cheirar, agarrar e contactar livremente com a mesma. Quando deram a laranja a todas as crianças conversaram sobre a cor, a forma e o seu nome. Posteriormente, cortaram as laranjas em pedaços para as crianças sentirem a textura tanto da casca como dos gomos, cheirarem-na e comerem-na. Para finalizar, as educadoras estagiárias fizeram sumos das laranjas com a ajuda das crianças, para depois beberem à hora de almoço.

Esta atividade permitiu que as crianças conhecessem uma nova fruta, a laranja. Ao sentirem a sua casca estavam a desenvolver o tato, também o paladar ao provarem-na e a visão, descobrindo também que se pode comer a laranja e beber o seu sumo. Através do diálogo e da espera para o desenvolvimento da atividade, as crianças desenvolveram a capacidade de concentração, comunicação e da linguagem.

### **“Dia do pão”**

As educadoras estagiárias sentaram as crianças no colchão para começar a atividade, depois entregam uma fatia de pão de cereais a cada criança para que pudessem explorar o pão, a sua textura, o seu sabor, e o seu cheiro, de forma a verem a diferença do pão que costumam comer. Enquanto as crianças exploravam o pão, as educadoras estagiárias foram conversando sobre o pão e explicando as diferenças. Com esta atividade as crianças conheceram outro tipo de pão, o de cereais. Ao sentirem a sua textura estavam a desenvolver o tato, o paladar e ao provarem-no, a visão. Através do diálogo e da espera para o desenvolvimento da atividade, as crianças desenvolveram a capacidade de concentração, de comunicação e da linguagem.

### **3.6 Avaliação do percurso de estágio**

Relativamente à minha intervenção, estava com muitas expectativas em relação ao estágio pois é sempre uma honra trabalhar com crianças, no entanto estava um pouco receosa porque nunca tinha estado em contexto de creche, e não sabia de forma

direta como funcionava, apenas sabia através daquilo que lia e ouvi nas aulas e das conversas que tinha com as minhas colegas. No entanto, acho que correu da melhor forma, consegui gerir bem o grupo, consegui conhecer rapidamente as rotinas e participar ativamente nas mesmas, relacionei-me muito bem com as crianças, criando uma certa ligação com elas. Consegui conhecer cada criança e pensar na melhor forma de agir com cada uma delas e isso notou-se na minha prestação. Sempre fui ao encontro das crianças e dos seus interesses para que elas se sentissem bem ao pé de mim e à vontade comigo, e a meu ver consegui cumprir esse desígnio. Com este estágio consegui perceber que o essencial é incentivar a exploração, e que através da mesma as crianças vão aprender. Integrei-me da melhor forma na instituição, nas rotinas, com as crianças e com todos os seus membros e conheci ao máximo o grupo e as suas individualidades. Tive especial atenção ao bem-estar físico e emocional de cada criança e para isso fiz um acompanhamento de grande proximidade com cada uma delas para aferir das suas necessidades e conhecer melhor a sua personalidade.

Saliento que no decorrer do estágio o aspeto com que tive mais facilidade foi o da relação com as crianças, o que me facilitou bastante o percurso de estágio e me deixou cada vez mais desejosa de ser educadora de infância. Fiquei encantada com forma como as crianças se relacionaram comigo e como me receberam bem, tão naturalmente. A meu ver consegui construir uma grande cumplicidade com o grupo, apesar do curto espaço de tempo. Tentei participar nas suas brincadeiras e interagir sempre de forma amistosa com elas. Quando não participava nas brincadeiras eram as próprias crianças que me chamavam para me juntar a elas.

No início tinha receio de não conseguir fazer as rotinas, como o mudar a fralda por exemplo, pois nunca o tinha feito, mas depois das explicações da minha colega, educadora e auxiliar, consegui realizar estas tarefas de uma forma bastante positiva.

Nunca tinha passado pela valência de creche e estava bastante curiosa de observar e de pôr em prática toda a teoria que pude aprender nas aulas e nas leituras que fiz sobre a creche, sobre as crianças desta faixa etária e sobre o papel da educadora. Certamente pude ter um pouco de contacto com os pontos acima referidos, mas notei que necessitava de mais tempo para aprofundar mais o conhecimento e a minha prática. Notei que na última semana de intervenção em estágio já estava completamente ligada e habituada às rotinas, saindo já naturalmente todo o meu trabalho, no entanto o estágio já estava a terminar e não pude desenvolver muito mais as minhas competências como futura educadora. No entanto, este estágio foi uma ferramenta enriquecedora para a minha aprendizagem e para o meu desenvolvimento profissional, já que pude contactar com as crianças, pude refletir sobre como trabalhar

com crianças tão pequenas e encontrar a melhor forma de as auxiliar no seu desenvolvimento. Pode ter uma melhor noção de como uma educadora deve agir, os objetivos que devem ser definidos, as estratégias que devem ser seguidas, como trabalhar de forma cooperante com outra colega e o quanto isso pode enriquecer o nosso trabalho, que é tão importante para as crianças.

Segundo Gabriela Portugal (2011), é muito importante poder garantir às crianças a satisfação das suas necessidades, a saber, necessidades físicas, de afeto, de segurança, de reconhecimento e afirmação, de competência e sobretudo de significados e valores, fundamentais para um desenvolvimento emocional e social coerente, eficaz e que garanta às crianças uma prossecução equilibrada durante a sua fase de crescimento e que seja um reflexo e uma influência positiva na sua vida de adulto.

#### **4. Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico (4.ºano)**

##### **4.1 Caracterização da Instituição**

O presente estágio decorreu numa escola do agrupamento de Rio Maior que integrava vários ciclos de ensino, tais como o 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, portanto era uma escola grande, com vários anos de escolaridade, diferente das que tinha contactado antes. Era dotada de um espaço ótimo com todos os meios físicos e materiais necessários ao bem-estar, aprendizagem e segurança das crianças. Tinha um ambiente adequado e apresentava muitas salas de aulas, uma sala de professores, uma reprografia, uma biblioteca, uma sala de direção, um refeitório, um bar e vários WCs com ótimas condições. Para além destes espaços interiores, tinha um espaço exterior onde os alunos podiam brincar, o que, a meu ver, é muito bom para os alunos poderem descontrair um pouco, brincar, fazer jogos, e conversar (entre outras coisas), não estando sempre fechadas na sala de aula. É de notar que os alunos do 1º ciclo tinham uma parte do espaço exterior para estarem no recreio. O projeto educativo regia-se por três eixos educativos traçados: “qualidade educativa”, a “cidadania” e a “integração, qualidade e equidade de oportunidades”.

## **4.2 Caracterização da sala**

A sala onde estagiei era espaçosa e com bastante luminosidade, no entanto por vezes as janelas não estavam abertas para os alunos poderem ter visibilidade para o quadro, pois o sol refletia sobre o mesmo. A mesma continha todos os materiais necessários ao processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos, pois continha dois quadros, um de ardósia e um quadro interativo, (este último permitia aulas dinâmicas, pois dava para visualizar vídeos, fazer pesquisas com os alunos, ouvir músicas, visualização de livros *online*, entre outras situações) e continha também várias mesas e cadeiras para a turma. Continha duas mesas para a docente, uma delas ao pé do quadro de ardósia e a outra ao pé do quadro interativo, com um computador para funcionar com o mesmo e também para a professora marcar as presenças e escrever os sumários. Para além destes materiais, tinha armários de arrumações e uma pequena sala de arrecadação onde estavam todos os materiais dos alunos, o que facilitava a organização da sala.

A sala apresentava também cartazes informativos dos conteúdos, como forma de auxílio numa melhor aquisição dos conhecimentos dos alunos. Tinha um ambiente agradável o que, na minha opinião, auxiliava o processo de aprendizagem, e apresentava ainda um suporte físico e material apropriado ao desenvolvimento das atividades. Tal como defende o autor, “a organização da sala tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos factores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens” (Sanches, 2001, p. 19). A “forma como o espaço é usado influencia a forma como os participantes da aula se relacionam uns com os outros e o que os alunos aprendem” (Arends, 2008, p. 128), assim e sempre que era pertinente a sua alteração para realização de jogos, atividades práticas ou experimentais, esta era alterada.

## **4.3 Caracterização das Crianças**

A turma era constituída por vinte e um alunos, treze rapazes e oito raparigas, existindo três crianças com necessidades educativas especiais (NEE). Desses três alunos, um deles beneficiava do Programa Educativo Individual (PEI) e do Currículo Específico Individual (CEI), que envolve alterações significativas no currículo, tais como: substituição e/ou eliminação de objetivos e conteúdos, inclusão de conteúdos conducentes à autonomia pessoal e social e à transição para a vida pós-escolar. Os

outros dois alunos tinham apenas PEI, fazendo o mesmo que toda a turma, no entanto tinham adequações curriculares em português, matemática e estudo do meio, tendo também adequação no processo de avaliação. No caso de o aluno necessitar de uma avaliação especializada esta é realizada por uma equipa multidisciplinar que elabora um relatório técnico-pedagógico e um Programa Educativo Individual, tendo por base os dados do relatório técnico-pedagógico. O PEI é autorizado pelo Encarregado de Educação sendo um documento que fixa e fundamenta as respostas educativas e formas de avaliação. Ou seja, estes alunos necessitavam de uma atenção “especial”, devido às suas dificuldades na aprendizagem.

Assim sendo, na minha prática, com alunos que tinham PEI tinha sempre o cuidado de passar pelos seus lugares para aferir das suas dúvidas, esclarecê-las e também para ter conhecimento das aprendizagens que adquiriram, para que se fosse necessário, alterar alguma estratégia que estava a ser utilizada (por exemplo: os exercícios, as fichas, entre outros), no entanto nunca achei necessário tal procedimento, pois estiveram sempre ao mesmo nível da restante turma. Em relação ao aluno com CEI, o mesmo, como já foi mencionado, estava ao nível do primeiro ano, nesse sentido, nas aulas de matemática e português, as professoras passavam exercícios no caderno, e no estudo do meio, seguia a aula junto com os colegas, já era uma prática feita pela professora cooperante. É de salientar que a aluna tinha atividades fora da aula com professores especializados e que por vezes tinha uma professora de educação especial junto dela e que fazia outros exercícios, enquanto dávamos aula aos restantes alunos.

A Declaração de Salamanca (1994), define a expressão “Necessidades Educativas Especiais” aplicando-se a todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares. Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e, conseqüentemente têm necessidades educativas especiais em determinado momento da sua escolaridade. Em Portugal, em 1986, a Lei de Bases do Sistema Educativo define como um dos seus objetivos, respeitantes à Educação Escolar, Ensino Básico, «assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades». O Decreto-lei 319/91, de 23 de Agosto, difundiu o conceito *Necessidades Educativas Especiais* e decretou a substituição dos critérios médicos por critérios pedagógicos para avaliação destes alunos. Neste Decreto foi estabelecido, oficialmente, o Regime Educativo Especial que contempla uma série de medidas a aplicar aos alunos com necessidades educativas especiais, constantes de um Plano Educativo Individual e de um Programa Educativo (Art. 15º e 16º, p. 6) nos casos mais complexos, cuja

elaboração é «da responsabilidade do professor de educação especial que superintende na sua execução» (Art.17º, p.7).

A observação e reflexão do que acontece no espaço do recreio é de grande relevância no âmbito do meu trabalho de investigação, que irei aprofundar no tópico III.

No global, todos os alunos eram muito interessados, gostavam de aprender, eram simpáticos, respeitadores, bem-educados e, na sua maioria, muito participativos. Apresentavam um bom comportamento, colocavam o dedo no ar para falar, realizavam todos os trabalhos que lhes eram solicitados, tinham grande vontade de aprender, têm grande capacidade de aprendizagem e na sua maioria são esforçados. Mostraram sempre interesse em conhecerem-nos, em ser respeitadores para connosco e em participar em todas as nossas intervenções. Sempre foram muito simpáticos e desde início estabeleceram uma relação muito positiva, facilitando as nossas intervenções nas aprendizagens dos alunos.

#### **4.4 Projeto de Intervenção**

Relativamente ao projeto, o mesmo intitula-se: “Tens um problema? Vamos resolvê-lo!”, o par de estágio optou pelo mesmo, pois uma das grandes dificuldades da turma era a resolução de situações problemáticas. O par de estágio executou este projeto, incorporando-o nas suas planificações, e nas atividades semanais de modo a auxiliar os alunos a ultrapassar as dificuldades identificadas. Assim sendo apresentaram, todas as sextas-feiras na hora de apoio de matemática, situações problemáticas. Houve alturas em que os alunos as resolveram em pares e outras vezes em grupos, para que pudessem conhecer o pensamento dos colegas, e discutissem entre si os diversos raciocínios, para aprenderem uns com os outros. Para Vygotsky, as crianças ao interagirem socialmente, tanto com os colegas como mediadores, internalizam e constroem conhecimento, pois assim internalizam e constroem o conhecimento (Sayegh,2006).

Segundo o programa de matemática do ensino básico (2013), a resolução de problemas envolve, por parte dos alunos, a leitura e interpretação de enunciados, a mobilização de conhecimentos de factos, conceitos e relações, a seleção e aplicação adequada de regras e procedimentos, estudado e treinados previamente, sendo necessária a revisão das estratégias e a interpretação dos resultados finais. Sendo que, a resolução de problemas não deve ser confundida com atividades vagas de exploração e de descoberta.

#### 4.5 Exemplos de atividades

O par de estágio resolveu elaborar as planificações em conjunto para que o trabalho estivesse articulado e decorresse de uma forma fluida, estruturada e organizada, no entanto cada estagiária intervinha individualmente, na sua vez. Sendo que este estágio foi realizado em valência de 1.º ciclo, foram diversos os conteúdos abordados. Irei fazer apenas uma pequena referência a algumas atividades sem me alongar muito e posteriormente descreverei duas aulas como exemplo da minha intervenção.

Numa das atividades foi elaborado um móbile de Natal para decorar a sala de aula com cartolinas e fio; realização de uma coreografia para a festa de natal da escola; Foram abordados os temas a implantação da república, a ditadura e a democracia e nesse sentido houve uma breve conversa sobre o mesmo. Foi visualizado um *site* e houve a audição de uma música do 25 de Abril e a realização de exercícios do manual; em português, como nos encontrávamos no dia de reis os alunos construíram quadras sobre os reis, a pares; Foi dado o tema “Feriados e Símbolos Nacionais”, sendo este iniciado através do visionamento e leitura de um *site*, depois foi aprofundado através de uma explicação e do manual. No final os alunos cantaram o Hino Nacional em grande grupo e na hora de expressão musical foi apresentada uma música do dia de reis e os alunos acompanharam a mesma com os seus instrumentos (realizados na aula anterior, desenvolvida abaixo). A professora estagiária ia dando instruções sobre os tempos e o que cada instrumento teria de fazer. Os alunos manifestaram alegria e contentamento por estarem a usar instrumentos construídos por si, tendo esse facto sido uma motivação adicional para a boa prossecução da atividade.

Referente aos temas abordados em Estudo do Meio, os alunos colocaram algumas questões sobre o que era a monarquia, como funcionava, sobre a república e quais as suas diferenças com a monarquia e depois surgiram também questões sobre o que foi a ditadura, porque começou e ainda sobre o 25 de abril e sobre as suas motivações. Os alunos, à parte das dúvidas acima mencionadas, não evidenciaram quaisquer outras dificuldades na assimilação da informação prestada.

## **Instrumentos Musicais**

Na hora de expressões foi iniciada a construção de instrumentos musicais com diversos materiais (latas, garrafas de iogurte, massas, arroz, colheres, entre outros), é de notar que cada aluno escolheu previamente o instrumento que queria construir e trouxe os materiais que necessitava. A professora estagiária começou por apresentar imagens com exemplos de instrumentos que iriam ser construídos pelos alunos e explicou como se podia contruir cada um deles. Depois da explicação, a professora estagiária distribuiu o material a cada aluno e foi auxiliando os mesmos, circulando pela sala. Terminada a construção cada aluno colocou o seu instrumento musical sobre a mesa da sala para ser utilizado na atividade do dia seguinte e acompanhar com os instrumentos uma a música do dia de reis. Esta atividade revestiu-se de grande interesse e empenho por parte dos alunos, já que se tratou de uma atividade fora do habitual e cujos resultados, ou seja, o uso dos mesmos, foi de grande contentamento para todos.

## **Divisão por 10, 100, 1000, 0,1, 0,01 e 0,001**

Numa aula de matemática foi iniciada a divisão por (por 10, 100, 1000, 0,1, 0,01 e 0,001), a professora estagiária fez a explicação recorrendo a uma apresentação *powerpoint* no qual tinha exercícios para realizar em grande grupo, depois foram realizados exercícios no manual e no caderno diário, como forma de consolidação.

A professora estagiária iniciou o conteúdo através de um *powerpoint* e, à medida que ia apresentando o tema, ia colocando questões e realizando exercícios presentes no mesmo, visto que anteriormente tinha abordado o caso da multiplicação. Para consolidar e exercitar a matéria dada, a professora estagiária solicitou que os alunos realizassem os exercícios de uma página do manual. Para terminar, esta construiu exercícios no quadro e pediu aos alunos que os passassem e resolvessem no caderno diário.

Neste conteúdo os alunos mostraram grandes dificuldades, já que, é de todos conhecida a dificuldade nesta matéria, tendo eu notado que faziam uma grande confusão com a multiplicação, dada anteriormente. Para que a matéria da divisão ficasse bem consolidada na mente de todos, houve que explicar para que servia, como funcionava e como ser resolvida, pois se os alunos perceberem o motivo terão mais

facilidade em entender o seu funcionamento. Fui esclarecendo as dúvidas, eu própria criei dúvidas e no fim todos manifestaram grande interesse em aprender esta matéria.

#### **4.6 Avaliação do percurso de estágio**

Relativamente às minhas intervenções, primeiramente quero salientar a relação positiva que, desde logo, consegui criar com a turma. O que foi muito bom, pois na minha opinião um professor não deve apenas saber os conteúdos científicos, ensinar as matérias, como ouvi numa aula da licenciatura, segundo Maria do céu Roldão, “ensinar é fazer aprender”, deve também ser capaz de se relacionar de uma forma positiva com os alunos, de modo a que os mesmos se sintam bem no espaço escolar, onde passam a maior parte do seu tempo e para que tenham encorajamento para querer aprender, e na linha do meu pensamento e com o que aprendi, conta muito o papel do professor. Fui sempre compreensiva, acessível e afetiva com os alunos, o que nos ajudou a criar um laço que ajudou na nossa interação em aula. Isto foi muito importante porque como futura professora devo saber relacionar-me com as crianças de modo a existir um respeito e compreensão mútuos e para que as crianças se sintam bem nas minhas aulas.

Para além do que referi anteriormente sempre adequiei as minhas intervenções à turma, utilizando as planificações como “guia” para conseguir abordar os pontos essenciais de cada conteúdo e os materiais como facilitadores de aprendizagem dos alunos. Da minha parte houve sempre o cuidado de explicar os conteúdos abordados tantas vezes quantas vezes fossem necessárias, tentava sempre dar exemplos do quotidiano para que fosse mais fácil compreender, circulei sempre pelos lugares a fim de perceber as dúvidas dos alunos e para explicar melhor o que não tivessem compreendido. Usei muitas vezes jogos, vídeos, músicas, entre outros recursos, para suscitar o interesse dos alunos e para que as aulas fossem diversificadas e corrigi sempre os exercícios no quadro para que os alunos os visualisassem e compreendessem melhor o que foi feito e para complementar alguma explicação que não tivesse sido perceptível. Também tentei melhorar a minha dinâmica de intervenção, visto que uma das críticas construtivas que me foram feitas foi o facto de ser pouco dinâmica. Consegui aprimorar a minha atuação em todos os aspetos que me foram referidos, para melhorar a minha intervenção, e atingi mais esse objetivo.

Aceitei bem as críticas construtivas, tanto por parte da professora cooperante como por parte da docente orientadora, aliás, essas críticas foram bastante importantes

e ajudam-me a construir melhor o meu papel de professora estagiária e a melhorar o meu trabalho. Como futura professora devo ter em atenção o ir ao encontro das necessidades dos alunos e a encontrar o melhor forma para os conseguir fazer aprender, ajudá-los nas suas dificuldades e fazê-los sentir bem no ambiente educativo que os rodeia. Tal como diversos estudos conduzidos por William Sanders e colaboradores, citados em Bonito, et al (2009) ilustram, o impacto que um professor pode ter a nível da realização escolar dos alunos. “ Os professores constituem, mais do que ninguém, a chave da mudança educativa”. Hoje em dia, em resultado da interação entre a escola e a sociedade, preconiza-se um professor cujo papel é, basicamente, orientado para o aluno, em relação ao seu desenvolvimento pessoal e social.

Uma das minhas dificuldades teve a ver com o facto de ser um pouco insegura, sempre com receio de errar, de dar alguma informação errada aos alunos e que os mesmos não conseguissem aprender com a minha intervenção, por isso, fico nervosa, pois quero o melhor para eles e quero que a minha intervenção os possa ajudar de alguma forma. Consigo que não se apercebam disso, e dou sempre o meu melhor, mas há sempre aquele receio. Com o passar do tempo esse sentimento tendeu a atenuar. Aprendi muito neste estágio através das conversas com a professora cooperante, com a construção das planificações e materiais, com o meu par de estágio, com os diálogos com a docente supervisora, e com os diálogos com as crianças. Pude contactar com a dinâmica de sala, com o trabalho de uma professora que já está no terreno há algum tempo, que me enriqueceu bastante a nível do conhecimento, de como dinamizar uma aula, que pontos deveremos ter em atenção quando as estamos a planificar, como interagir com os alunos e que materiais mais adequados devemos utilizar. Pude também contactar com reuniões já que o trabalho do professor não está focado apenas na sala de aula, assim foi-me permitido conhecer o funcionamento das reuniões e o que lá é feito. Nessas reuniões e também fora delas, foi bastante visível o trabalho de cooperação entre os professores do primeiro ciclo. A meu ver, é muito importante que todos os professores cooperem entre si e estabeleçam, também, uma boa relação, pois além de facilitar o seu trabalho é um grande ponto a favor do desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, pois estão todos a trabalhar para o mesmo fim.

Para Roldão (2007), a cooperação entre profissionais dialoga com a concepção e transposição didática na formação dos professores. As práticas evoluem e o individualismo decresce. O trabalho em equipa tem como estrutura essencial um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, permitindo alcançar melhor os resultados visados (Roldão, 2007, citado em, Perrenoud & Thurler, 2006).

## Capítulo II – Investigação

### Enquadramento teórico

#### 1. Recreio Escolar

Este tópico enquadra o objeto de estudo principal da investigação, o recreio. Para analisar as aprendizagens das crianças no recreio, temos que conhecer o real significado do recreio e o que o mesmo abrange. No que respeita ao recreio escolar existem determinadas perspetivas encontradas, defendidas por diversos autores, que na sua maioria vão ao encontro da definição de intervalo, de “tempo livre”, de brincar, de jogos e à definição de crianças, como poderemos verificar posteriormente.

Os recreios são períodos entre as atividades letivas, podendo dar-se em espaços físicos exteriores das escolas, ao ar livre ou cobertos, ou no interior das escolas. É nesse espaço que as crianças podem agir livremente, sendo estes pensados para que a criança possa relaxar e distrair (Cabrita,2005).

Normalmente, são períodos diários que intercalados entre duas disciplinas que ocupam os períodos livres previstos nos horários escolares (Neto, 1997). Estes períodos possuem duas vertentes: o tempo e o espaço, visto que é usado para identificar o espaço de atividades livres feitas pelos alunos. É o espaço onde podem realizar as atividades que quiserem e podem ser eles mesmos a controlá-las livremente. É também é designado por intervalo, ou seja, o tempo que medeia entre duas aulas. Na definição do contexto de recreio está também implícito o espaço ao ar livre que é fundamental para o promover nas crianças um estilo de vida saudável, permitindo-lhes explorar os elementos naturais, essenciais tanto para as crianças do pré-escolar como as do 1º Ciclo. (Vicente, 2011).

No Pré-escolar podemos verificar que nas OCEPE (1997, p. 38- 39), o espaço exterior é caracterizado por um espaço igualmente educativo, pois pode oferecer potencialidades e oportunidades educativas, possibilitando que as experiências de aprendizagem tenham uma certa continuidade, e como tal os educadores devem dar muita importância a este espaço.

O recreio é um bom recurso para efetuar atividades educativas planeadas pelas educadoras, sendo que, por outro lado, também há que ter em conta as atividades informais. Como podemos verificar: “O espaço exterior possibilita a vivência de

situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de atividades informais.” (OCEPE, 1997, p. 39)

### **1.1 A Importância do Recreio**

No recreio, as crianças têm a possibilidade de partilhar experiências, manter relações sociais, brincar, criar ou fortalecer laços de amizade com os parceiros, nos jogos com bola, da macaca, da apanhada, entre tantos outros (Cabrita, 2005). O recreio escolar, na maior parte das vezes, é visto apenas como um “tempo livre”, sem ser pensado como um relevante momento pedagógico pertinente para ser investigado na área de educação (Machado, Romagnoli, Batista & Tonholos, 2013). Na realidade, segundo Vicente (2011), é um tempo bastante importante para o desenvolvimento da criança, desde o facto de criar relações com outras crianças ao facto das mesmas poderem recriar jogos de improvisação de brincadeiras, e ainda, a aprendizagem de regras e de tomada de decisões. Todos estes aspetos irão influenciar o desenvolvimento de novas competências que no presente e mais tarde, no futuro, terão muita utilidade.

Wenetze e Stigger (2006) referem o recreio como um espaço favorável para um bom desenvolvimento motor e social, permitindo à criança expor as suas emoções, trocar experiências, viver aventuras, conquistar a sua própria liberdade, vivenciar sentimentos, seleccionar os seus amigos e agir e interagir perante qualquer situação. E também, Nuno Lobo Antunes (n.d.), neuro-pediatra, escreveu um artigo que vai de encontro a esta perspetiva, explicando o papel do recreio para as crianças, e defendendo que: é no recreio que as crianças e jovens têm a possibilidade de aprender valores essenciais na relação com os outros. Aprendem a conhecer qual o valor da amizade, a respeitar as diferenças, a apreciar a lealdade, e também são expostos ao inverso, aprendendo a reconhecer em quem confiar. É também através destas aprendizagens que moldam o seu carácter. Por conseguinte, o recreio é um espaço de desenvolvimento, socialização, aprendizagem e jogo, onde não existe influência direta dos adultos, possibilitando às crianças criarem relações de amizade (Vicente, 2011).

É de salientar que é nos recreios que a imagem que as crianças têm de si próprias começa a definir-se. Por exemplo, ao comparem-se umas com as outras, a capacidade atlética, a aparência, as roupas e até mesmo a popularidade são aspetos que contribuem para esta definição (Brazelton & Greenpan, 2002). É também onde se une a complexidade e a riqueza entre grupos de pares, nas suas lógicas de formação, relações estabelecidas, coesão e interação, com a transmissão e transformação de

factos culturais, e onde se desenvolve uma verdadeira cultura infantil (Delalande, 2001, *cit in*, Silva 2007).

Na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, no 31.º artigo está presente este mesmo tema. Este artigo refere que a criança tem direito ao repouso e a tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas, sendo estas próprias da sua idade e também de participar na vida cultural e artística livremente. Reconhecendo ainda que se deve promover e respeitar o direito da criança participar plenamente na vida cultural e artística, encorajando a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade (UNICEF, 1989).

É no contexto da cultura escolar que o recreio é identificado como um tempo/ espaço onde diferentes tipos de alunos se inter-relacionam, constituindo o momento em que acontecem diversas aprendizagens, principalmente aquelas que ocorrem através das brincadeiras (Wenetze & Stigger, 2006).

Para Neto (1995), o recreio pode ser um espaço físico e vivencial, pois as crianças têm a possibilidade de concretizar atividades construtivas. Esta ocasião do quotidiano permite que as relações sociais das mesmas avancem através do brinquedo, alcançando o sentido de jogar e o sentido da competitividade. Tome-se como exemplo a valência do pré-escolar que acolhe crianças em desenvolvimento, quer ao nível das experiências, das expectativas, das características sócio culturais e dos seus atributos pessoais. Por isso, o recreio é composto pelo espaço, materiais, equipamentos e atividades a serem aproveitadas pelas crianças. Associando movimentos, espaço, afetividade, contacto com a natureza, diversidade de materiais, exploração do meio institucional e meio material e a convivência em grupo. Logo, este contexto de recreio pode ser o princípio da construção do desenvolvimento, tendo em conta as necessidades das crianças.

Outros autores focalizam o valor do recreio escolar enquanto espaço e momento em que as crianças podem usufruir de um tempo livre, de lazer, e retemperador, para melhor suportar as exigências de um quotidiano cada vez mais apressadamente preenchido (Silva, 2007). As crianças necessitam de ocasiões não estruturadas para explorarem e brincarem com os amigos. Precisam também de tempo e espaço para brincar com os mesmos fora das atividades formais, que lhes ofereçam momentos para o desenvolvimento de processos de pensamento e socialização e é a brincadeira que vai proporcionar isso (Brazelton & Greenpan, 2002). No recreio as relações entre pares são espontâneas e livres. As crianças experienciam aprendizagens lúdicas e jogos, tais como: rodas cantadas, jogos tradicionais (macaca, peão, do lenço, da corda,

escondidas, caça ao tesouro, jogos com bola, lengalengas, entre outros). (Martins, 2014).

A *National Association for the Education of Young Children* (NAEYC, 1997) expõe os diversos domínios de que o recreio beneficia, sendo que todos estão inter-relacionados à medida que as crianças se desenvolvem. Os domínios são os seguintes: o desenvolvimento social, emocional, físico e cognitivo.

- **Desenvolvimento Social:**

O desenvolvimento social começa com o nascimento e continua rapidamente através da infância. As pesquisas sugerem que as relações próximas com os seus pares contribuem para um bom desenvolvimento social e cognitivo. O intervalo é aquele período de tempo na escola que permite às crianças a oportunidade de interagir com os seus pares em formas que não são normalmente possíveis na típica sala de aula. Existe uma ampla variedade de competências sociais que podem ser praticadas, interpretadas e aprendidas de forma significativa durante o intervalo: a cooperação, a partilha, a língua e a resolução de conflitos. É também através de uma livre e ativa interação que as crianças podem: desenvolver respeito pelas regras, ganhar disciplina, construir e apreciar a cultura e as crenças de outras pessoas, neste caso os colegas.

- **Desenvolvimento Emocional:**

O recreio pode atuar como um redutor de ansiedade e servir de meio pelo qual as crianças aprendem a lidar com o *stress* e a ganhar controlo das suas ações. Durante o mesmo, as crianças também aprendem a arte de se expressarem para com os outros, começando neste contexto a ensaiar comportamentos e a praticar competências. Também é neste espaço que as crianças aprendem a conhecer as suas próprias habilidades, a perseverança, a responsabilidade e aceitação de si próprias. Para além disso, começam a perceber quais os comportamentos dos quais resulta aprovação ou desaprovação dos colegas. É de salientar que nos primeiros anos as crianças deviam começar a desenvolver verdadeiras amizades e relações com os seus pares. Ao não ser dada esta oportunidade e o apoio para desenvolverem estas interações, as crianças podem não aprender como manter e sustentar relações. Sendo que ao conseguir uma relação social e positiva com os seus pares ajuda a criança a desenvolver competências sociais e emocionais.

- **Desenvolvimento Físico:**

Um dos benefícios mais óbvios do recreio é a oportunidade de ter atividade física pura e praticar competências físicas tais como: correr, subir, saltar, perseguir, viajar,

apanhar, pendurar, esticar, empurrar e puxar. O intervalo providência às crianças a oportunidade de se moverem e participarem em atividades físicas. Existindo autores que defendem duas teorias sobre o porquê da atividade física melhorar a atenção das crianças e diminuir a sua inquietação, denominam-se: a teoria do excesso de energia e a teoria da “novidade” (Jambor,1994, cit in, NAEYC, 1997). A teoria do excesso de energia refere o intervalo como o meio das crianças libertarem o excesso de energia acumulada durante o tempo que estiveram sentados na sala de aula. E a teoria da “novidade” refere que a atenção à tarefa pode ser aumentada por providenciar oportunidades de diversão livres de aborrecimento. Como indicado pela corrente pesquisa ao cérebro, se aos estudantes for dado a oportunidade de se moverem e serem ativos, eles regressam à sala de aula mais atentos e capazes de se concentrarem nas tarefas apresentadas. Esta mudança permite a aprendizagem de uma forma mais eficiente (HEALY,1998, cit in, NAEYC, 1997).

Além disso, o movimento físico é essencial para um desenvolvimento saudável, ajudando nas conexões cerebrais. Estas fazem com que o cérebro processe uma maior variedade de informação permitindo uma melhoria na retenção de factos e melhor compreensão de conceitos, e conseqüentemente um melhor aproveitamento. Também é através de jogos ativos, que as crianças aprendem qual a capacidade do seu corpo e como o controlar.

- **Desenvolvimento cognitivo:**

Existem muitas pesquisas (Guddemi *et al.*; Bodrova & Leong, 1999) afirmam a ligação entre brincar e os ganhos cognitivos, pois as crianças aprendem através do brincar. As mesmas desenvolvem-se a nível intelectual e a nível da compreensão cognitiva através do fazer, manipular, explorar, comportamentos estes que ocorrem durante as brincadeiras. O contexto da brincadeira providencia o apoio mais apropriado às crianças enquanto elas desenvolvem competências. Há hipóteses que asseguram que é possível que os benefícios cognitivos sejam uma consequência direta de alguns tipos de brincadeiras no recreio. Exemplos de áreas que podem ser exploradas no contexto fora da sala de aula, no recreio incluem: *Elementos Naturais* (experimentar o vento, sujidade, água e estações do ano); *Físico* (correr, saltar, empurrar, puxar); *Arquitetura e Design* (contruir com materiais naturais); *Matemática e Números* (aprender a contar) e *Desenvolvimento da Linguagem* (explicar, descrever, articular, procurar informação, fazer uso da linguagem oral, do vocabulário e do poder da palavra).

Existem vários motivos pelos quais as crianças gostam do recreio: o facto de existir o brincar, pois é a sua principal satisfação no tempo que passam na escola; o convívio e a brincadeira com os amigos; o recreio permite o descanso e nele desenvolve-se a

construção do seu mundo social, sendo o único momento em que surge a interação espontânea com os seus pares, o descanso e o divertimento depois do tempo em sala, que permite à criança ter liberdade para escolher e a oportunidade de desenvolver a sua capacidade de socialização. O espaço do recreio permite que as crianças desenvolvam estratégias para resolver e evitar conflitos. Por conseguinte, este espaço/tempo pode ser um condutor para um melhor aproveitamento dentro da sala, pois nele teve espaço para se movimentar, brincar, conviver e descansar, estando longe das imposições dos adultos. Sendo que as crianças ocupam este espaço de uma forma muito natural e espontânea (Pereira, Pereira & Condessa, 2014).

Apesar de serem confirmados todos estes benefícios, o recreio passa muitas vezes despercebido no contexto escolar, devido ao facto de ser visto somente como um momento de pausa para o professor e um momento do aluno extravasar a sua energia, merendar e descansar. Assim, na maioria das escolas é entendido como um espaço não produtivo (Gonçalves,2008). No entanto, apesar ser visto como improdutivo, esse horário é bastante importante para ambos, pois esses momentos são necessários para melhorar o funcionamento do processo de ensino/aprendizagem. E além de ser programado para a alimentação, o intervalo/recreio proporciona ainda um momento de socialização entre os alunos (Machado, et al. 2013).

Portanto a escola não deve ser vista apenas na perspectiva de proporcionar aos alunos apenas os tradicionais conteúdos de cada disciplina, mas deve também destacar-se pela formação ética, sendo o recreio o espaço que apresenta o melhor campo de oportunidades para desenvolver valores morais (Gonçalves,2008). Como Antunes (n.d.) salienta, a escola não tem só o papel de ensinar mas também o de educar. Os valores morais são tão importantes quanto o saber e o conhecer dos conteúdos. Não é só saber o vocabulário, mas sim o “concreto da existência”, os atos bons e os maus, como prática da relação com outros, não só dentro com também fora das salas de aula.

## **2. O Brincar**

Quando mencionamos a palavra “recreio”, intuitivamente surgem dois temas que não podiam deixar de ser abordados nesta investigação, o brincar e o jogo. Segundo Neto (1997), nenhuma definição de brincar é aceite pela totalidade dos teóricos.

Para Cabrita (2005), o brincar é uma forma lúdica de aprender, mostrar emoções, vivenciar sentimentos e trocar experiências. É através destes momentos de partilha que

as crianças se conhecem umas às outras, criam laços, resolvem conflitos e criam também as suas personalidades. Nesta linha de pensamento Garvey (1976, p.7), refere que o brincar é como um comportamento que é frequente nos “períodos de expansão do conhecimento de si próprio, do mundo físico e social dos sistemas de comunicação”. Logo a atividade lúdica encontra-se estreitamente relacionada com as áreas de desenvolvimento. A atividade lúdica traz bastantes benefícios para a criança, pois é o meio mais fácil dela se expressar, desenvolver as suas habilidades físicas, cognitivas e afetivas naturalmente. Através da brincadeira e do jogo satisfaz algumas necessidades básicas tanto ao nível físico como ao nível social. Desenvolvendo a capacidade de aprender a falar, expor as suas ideias, libertar a criatividade e imaginação, expressar o seus sentimentos e conhecer o mundo à sua volta (Pereira, 2001).

De acordo com Santos (1997), cit in, Pereira e Bonfin, (2009), as brincadeiras podem ativar o pensamento da criança, no que respeita à resolução de problemas, criando-se um espaço no qual a criança pode experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, seus sentimentos e os diversos conhecimentos.

Segundo a UNICEF, a criança é um ser curioso desde o seu nascimento, querendo aprender e compreender o mundo que a rodeia. Através das primeiras experiências é determinado o desenvolvimento do cérebro da criança. Se a criança tiver boas experiências iniciais isso irá promover esse desenvolvimento, quanto mais o cérebro da criança trabalha maior é a sua capacidade de trabalhar e quando a criança está a brincar o seu cérebro está a trabalhar também. Para a criança o brincar é natural e é a brincar que a mesma aprende e se desenvolve, a mesma encontra-se constantemente a fazê-lo durante as rotinas e durante as experiências educacionais. Toma-se como exemplo: o bebé brincar ao esconde-esconde quando um adulto puxa a roupa sobre a cabeça; quando uma menina de dois ou três anos “lê” para a boneca, quando a criança faz rabiscos numa folha e afirma que escreveu o seu nome. A brincadeira está cheia de oportunidades para a criança aprender e desenvolver novas habilidades. Ao brincar, a criança utiliza todos os seus sentidos (audição, visão, paladar, tato, olfato e movimento) para recolher informações sobre o mundo que a rodeia. Mais tarde, a linguagem será outro meio de recolher informações. A criança organiza e reorganiza essas informações, transformando-as nas primeiras imagens de si própria, das outras pessoas e do seu mundo.

Para o psicanalista Winnicott (1975), é através do brincar que tanto a criança como o adulto pode utilizar a sua personalidade integralmente e ser criativo e através dessa criatividade descobre o seu verdadeiro “eu”.

Segundo Garvey (1976, p. 11-12), a maioria dos investigadores aceitam que:

1. *Brincar é agradável, divertido. Mesmo quando não é acompanhado por sinais de alegria é avaliado positivamente por quem brinca.*
2. *Brincar não tem objetivos extrínsecos. As suas motivações são intrínsecas não estando ao serviço de outros objetivos. Efetivamente, consiste mais num disputar da atividade em si do que num esforço dedicado a qualquer fim particular.*
3. *Brincar é uma atividade espontânea e voluntária. Não obrigatória e escolhida livremente por quem brinca.*
4. *Brincar implica um certo empenhamento ativo por parte do sujeito.*

*Cada um deles tem o objetivo de mudar qualquer forma perceptível do mundo real.*

5. *Brincar tem algumas relações sistemáticas com o que não é brincar. A atividade lúdica tem sido relacionada com a criatividade, com a resolução de problemas, com a aprendizagem da linguagem, com o desenvolvimento dos papéis sociais, e com numerosos outros fenómenos cognitivos e sociais.*

Segundo os investigadores as crianças ao “fazerem de conta”, muitas das vezes estão a expressar, de forma indireta ou simbólica, preocupações e medos, uma tentativa para reexperiência, e assim, conseguir resolver ou dominar uma situação difícil (Garvey, 1976).

## **2.1 Brincar e Jogar**

Como refere Silva (2007), quando falamos em brincar surge também o jogo. Com a brincadeira e o jogo a criança aprende a conhecer a realidade do quotidiano. Podem através destas ações conhecer as suas capacidades, as suas fragilidades, aprendem a superar-se e a não ver na derrota nenhum desastre, aceitando-a de forma serena.

A brincadeira e os jogos são parte integrante da vida da criança e ao estarem presentes na escola ajudam no desenvolvimento da criança, enquanto indivíduo, e à construção do conhecimento, estando estes processos intimamente ligados. Com eles constroem saberes, experimentam sensações, resolvem conflitos, lidam com diferentes sentimentos e aprendem a conviver e a cooperar com um grupo. É através do brincar que a criança se constitui como indivíduo autónomo. “Todas as crianças brincam, procuram brincar, desejam brincar e pedem brincadeira.” O jogo serve para brincar e

ocupa uma função psicossocial e afetiva na criança. Independentemente de estar presente, ou não, no contexto escolar, ele participa na educação das crianças, na formação do que são e do que se irão tornar (Ferran, Mariet & Porcher, 1979).

Normalmente a maioria dos adultos têm uma opinião favorável acerca da brincadeira, parecendo estar conscientes da sua importância para o desenvolvimento da criança. No entanto sabe-se que, geralmente, no ensino pré-escolar, o brincar e o jogo são vistos como uma atividade importante, mas no 1.º Ciclo do ensino básico não tem esse valor, neste caso o brincar é raramente aceite, sendo frequente o adulto dizer “na aula trabalha-se, brincar é lá fora...”. Nesta valência os raros momentos de atividade lúdica permitidos à criança no contexto escolar ficam para o horário do recreio, e mesmo aí os adultos querem que as brincadeiras sejam tranquilas (Neto,1997). Por conseguinte, apesar das investigações mostrarem e proverem que as vantagens da atividade lúdica são bastante evidentes nos domínios do comportamento físico, social, emocional e cognitivo, as brincadeiras continuam a ser compreendidas, a maioria das vezes, como uma forma de ocupação de tempos livres, de descontração, supérfluas e algumas vezes, deseducadoras (Neto,1997).

Garvey (1976) afirma, que os processos de exploração e familiarização que antecedem a atividade lúdica com os novos objetos, os novos ambientes e os novos acontecimentos estão associados à aprendizagem, ou seja, com o desenvolvimento de novas conceptualizações para lidar com o mundo. São destacadas quatro linhas de desenvolvimento na atividade lúdica. A primeira é a maturação biológica de habilidade e competências progressivas relativas às múltiplas facetas da experiência. A segunda, cada um dos aspetos da atividade lúdica fica mais elaborado à medida que vai evoluindo. Tome-se como exemplo o saltar à corda em que o jogo com movimento está usualmente associado ao jogo com a linguagem. A terceira, à medida que a brincadeira se vai desenvolvendo as suas formas são cada vez menos determinadas pelas propriedades dos materiais de uma situação imediata, e vão sendo progressivamente mais controladas por planos ou ideias. A quarta, à medida que o mundo de uma criança se vai expandindo e incluindo mais pessoas, situações e atividades, estas novas experiências tendem a ser incorporadas na sua atividade lúdica.

## **2.2 O Jogo**

Todas as crianças saudáveis jogam e gostam disso, pois proporciona-lhe alegria, sendo esta inerente às crianças. Através dos jogos a criança reflete no que a rodeia,

manifestando-se no conteúdo do jogo, nos papéis que as mesmas interpretam, na forma como tratam as coisas, nas relações entre elas, na maneira que caracterizam as personagens e também nos seus atos, palavras, raciocínios e nas opiniões das pessoas com quem convivem (Liublinskaia, 1976). É definido como assimilação da realidade, como: comunicação social, ação motivada intrinsecamente, “flow-feeling” e solução de conflitos (Neto, 1997). Para os investigadores, o jogo é uma atividade natural para a criança, no qual não se prendem a constrangimentos (Bandet & Sarazanas, 1973). Para Wallon, cit in, Bandet e Sarazanas (1973, p.21) o jogo é: “... toda a ocupação sem qualquer outra finalidade que não seja a ocupação em si mesma. O jogo é entendido como “ uma função essencial na vida das crianças; elas exercem-no espontaneamente e sem ajuda, mas podemos satisfazer a sua necessidade de actividade pondo à sua disposição objectos indispensáveis.” (Bandet & Sarazanas, 1973, p.24).

O jogo é uma das formas mais comuns do comportamento infantil, sendo muito atrativa e intrigante para quem investiga o desenvolvimento humano, educação, saúde e intervenção social, sendo o seu estudo um fenómeno global e complexo (Neto, 1997). É uma fonte de alegria, um fator de criação, é a preparação para atividades de trabalho, sendo também uma introdução às fórmulas sociais da vida da criança. Através do mesmo surgem as regras e a necessidade de ser tido em consideração pelos parceiros do jogo, revelando à criança que existem proibições e a consciência pelos outros (Bandet & Sarazanas, 1973).

A Teoria da Descontração de Claraparade é a mais divulgada nos nossos dias, e defende que o jogo existe e é a recriação como meio de libertação das preocupações e do cansaço. Ao jogar a criança aprende a “obrigação moral” pois ao mesmo tempo o jogo, além de lhe dar prazer, permite-lhe o “exercício de uma atividade individual ou social”, sendo que o jogo ainda lhe transmite uma imagem da sociedade, dando-lhe uma perspectiva dos papéis a desempenhar pelas diversas pessoas da sociedade (Ferran, Mariet & Porcher, 1979).

Para Piaget “o desenvolvimento do jogo inscreve-se estritamente no quadro da sua teoria da inteligência. As diferentes categorias de jogos – jogos de exercício, jogos simbólicos e jogos de regras – correspondem às sucessivas formas – sensório-motora, representativa, operatória – que a inteligência toma no decurso do seu desenvolvimento” (Vandenplas-Holper, 1983, p.48). Portanto, Piaget definiu o jogo em três modalidades: a atividade sensório motora, a atividade simbólica e os jogos com regras.

- **A atividade sensório- motora:**

Preenche o período do nascimento até ao segundo ano de vida, em que a criança está a adquirir os movimentos. Aqui a criança ao adquirir o domínio das capacidades motoras e ao experimentar o mundo do tato, da visão e do som, sente-se bem ao ser capaz da repetição dos factos.

- **A atividade simbólica ou representativa:**

Prevalece depois dos dois anos até cerca dos seis, neste período a criança adquire a capacidade de codificar a sua experiência em símbolos, ou seja, a criança consegue recordar as imagens dos factos, começando a brincar com os símbolos e as suas combinações, fazendo de conta.

- **Os Jogos com regras:**

Estes jogos iniciam-se com a idade escolar, neste período a criança começou a compreender certos conceitos sociais de cooperação e competição, ou seja, começou a ser capaz de trabalhar e de pensar de forma objetiva. É também aqui que as suas brincadeiras começam a exibir a sua mudança, onde a criança começa a interessar-se por jogos estruturados, que tenham regras objetivas, as quais podem envolver atividades de equipa.

Pode-se entender o jogo como a possibilidade de entrada da relação com o outro através da simultaneidade da confrontação, da colaboração e da cooperação. Assim é a socialização: a presença dos outros e a tomada de consciência do facto da necessidade da relação com os outros, devendo ser mencionado que é através do jogo coletivo que a criança constrói um micro-sistema onde operam as ajudas, as lutas, o altruísmo, a generosidade racional, as identidades e as diferenças. O jogo é fundamental para a socialização das crianças, pois vai de encontro à reprodução da sociedade em que o jogo está inserido (Ferran, Mariet & Porcher, 1979).

O jogo vai modificando-se com a idade, sendo uma das formas de compreender as tendências e os desejos das crianças, alguns que não podem ser realizados na vida real, ou a preparação para o futuro, ou apenas para conseguir satisfação. (Liublinskaia, 1976) nas situações não formais o jogo é entendido como um processo em que se dá liberdade à criança de exprimir a sua motivação intrínseca e também a necessidade de explorar o seu envolvimento físico e social, investigando, testando e afirmando experiências e possibilidades de ação. Esta estimulação ocasional que é harmonizada pela exploração do espaço exterior, é primordial na estruturação das primeiras fases do desenvolvimento humano, ou seja, nos processos cognitivos, emocionais e motores.

Por conseguinte, a experiência do jogo e da atividade física é uma forma notável para se entender a relação entre “ordem e desordem, organização e caos, e equilíbrio e desequilíbrio entre os diversos sistemas biológicos e sociais”.

Através da libertação de tensões e conflitos o jogo proporciona à criança novos momentos de explorar, influenciar e controlar o mundo físico e social que o envolve (Neto, 1997). O jogo “é uma atividade pensante”, pois todo o processo mental está orientado para a solução de um determinado problema (Liublinskaia, 1976, p.32). Jogar é um ato extremamente formador pois exige uma organização racional dos meios apropriados para atingir um objetivo, sendo este racionalmente estabelecido (Ferran, Mariet & Porcher, 1979). Esta ação é uma forma de adquirir e especificar conhecimentos, sendo um meio de assimilação eficiente de conhecimentos (Neto, 1997).

Para além disso, o jogo é uma ação física. Ao realizar ações físicas, complexas e variadas, a criança manifesta formas distintas de atividade psíquica, pois o conteúdo do jogo é a reprodução de um momento da vida real das pessoas. O jogo é uma forma específica de atividade cognitiva, pois através da linguagem e dos sentimentos a criança reflete a realidade. A criança não reflete no seu jogo exclusivamente o que fazem e o que dizem, reflete também as experiências, as preocupações, as alegrias, as inquietações e as amarguras.

O movimento e o jogo devem ser entendidos como um processo de interação entre a criança, o meio ambiente, a percepção e o movimento, completando-se o organismo e o meio ambiente. Por movimento entende-se a unidade sensório motora, ou seja, a unidade de percepção e ação (Neto, 1997).

A ficção que caracteriza o jogo está ligada ao simbólico, que se apresenta como base da linguagem. Assim, a realidade das coisas é traduzida, dando-lhe um equivalente, um homólogo, uma representação. O jogo e a linguagem em conjunto expressam “o encontro entre uma personagem singular e o mundo no qual ela se situa e se constrói e ao qual confere significados” (Ferran, Mariet & Porcher, 1979, p.19).

Das diversas manifestações lúdicas existentes na criança, o jogo simbólico tem merecido especial atenção por parte dos investigadores, pois este tipo de jogo permite um melhor entendimento da origem da atividade simbólica, tanto a nível do seu lugar no sistema de comportamentos exploratórios, como na ligação com o sistema de comportamentos e ainda como desenvolvimento do sistema de vinculação (Neto, 1997). A veracidade dos sentimentos que criança vive no jogo, muitas das vezes proporciona a encarnação total no papel, no decorrer de todo o jogo. Com a entoação, a mímica e os movimentos expressivos, a criança representa a imagem da pessoa que quer interpretar. Através do jogo as atitudes das crianças consolidam-se e manifestam-se, e

perante o bom e o mau, percebem as suas avaliações e juízos a nível moral (Liublinskaia, 1976). Assim, o jogo infantil pode ser entendido como assimilação da realidade, como comunicação social, como solução de conflitos, como sensação de fluidez e como ação intrinsecamente motivada” (Neto,1997, p.226).

É de salientar que o jogo tem uma particularidade, permite algo que nenhuma outra atividade consegue, a combinação particular de poder viver a ficção aliada à realidade do que as crianças refletem ao brincar (Liublinskaia, 1976). Encontra-se num ponto beneficiário das ações, na fase das operações concretas, “participam na construção de um pensamento operatório na criança, ou seja um pensamento formal” (Ferran, Mariet & Porcher, 1979, p.18).

Para além disso com o jogo, a criança mantém relações psicológicas elementares, sendo necessário respeitá-las. A criança não reflete no seu jogo somente o que fazem e o que dizem às pessoas (Ferran, Mariet & Porcher, 1979).

Em suma, ao se considerar as diversas teorias do jogo, a sua natureza, as suas formas e as suas finalidades, pode-se concluir que o jogo aparece espontaneamente e cedo na vida da criança, sendo que o seu valor e o seu lugar são insubstituíveis na existência humana (Bandet & Sarazanas 1973).

### **3. O Recreio, a brincadeira e o jogo para o desenvolvimento**

De forma a perceber que importância o recreio terá para as crianças e que aprendizagens lhes poderá trazer, é essencial perceber que pontos são necessários para o desenvolvimento saudável da criança e para a sua aprendizagem. Para compreendermos a criança devemos primeiro considerar que o ser humano “vive e sobrevive” num contexto social e cultural. É neste meio que se desenvolve a maturidade do indivíduo em evolução (Neto, 1997).

Segundo Castelo e Fernandes (2009), “Desenvolvimento” referencia o processo de evolução biológica e psicológica que sucede entre o nascimento e a idade adulta. Este faz com que o indivíduo progrida da dependência total para a autonomia. Se o mesmo for adequado, nele existe interação entre os fatores genéticos e os ambientais. Portanto, é um processo dinâmico e complexo que assenta na maturação neurobiológica e na conexão com os aspetos psicológicos e sociais, de uma forma continua.

O desenvolvimento da criança e a aprendizagem têm início no nível social e posteriormente transformam-se no nível individual. Na criança este processo acontece

quando esta se apropria e domina o mundo que a rodeia (Alves, 2013). O mesmo acontece nas primeiras idades e baseia-se no êxito, nas “probabilidades” e inicia o novo período da sua infância (Liublinskaia, 1976).

Percebe-se que o desenvolvimento da criança é um processo que envolve não só aspectos biológicos do crescimento e a evolução do sistema nervoso, mas também os aspectos decorrentes das relações com o meio em que estão envolvidas e, tendo-os como suporte, permitem, em diferentes graus, entender o aproveitamento das capacidades do sujeito. (Neto, 1997, p. 259)

Conforme as crianças vão crescendo vão passando por vários estádios de desenvolvimento. Cada um deles oferece à criança fundamentos da inteligência, da moral, da saúde emocional e das competências académicas. Tome-se como exemplo que durante estes estádios aprendem “a relacionar-se com os outros com compaixão e empatia, noutro, aprendem a interpretar sinais que a sociedade lhes transmite e, num outro, aprendem a pensar de forma lógica e imaginativa (Brazelton & Greenpan, 2002, p. 155).

Segundo Cabrita (2005), o recreio, parte fundamental da aprendizagem e da forma de como se relacionar com os outros, criando a empatia necessária para um correto e eficaz desenvolvimento da criança, tem de ter lugar em espaço aberto ou fechado, em que a criança, livremente, crie os seus jogos e as suas brincadeiras, mais ou menos em consonância com a realidade e que, dessa brincadeira e desse jogo retire os ensinamentos necessários ao seu crescimento saudável, quer ao nível físico, quer ao nível psíquico.

Segundo a UNESCO (2005), nos últimos tempos várias pesquisas mostram que os primeiros seis anos de vida de uma criança estabelecem um período de aprendizagem e desenvolvimento. Assentando nas bases do “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a ser” e “aprender a viver”. Portanto, a educação de qualidade tem grande importância e impacto nesta fase da vida. Na primeira infância, os primeiros anos de vida são fundamentais, pois fazem a diferença para o resto da vida. A criança deve ser protegida e ter garantida a sua promoção e desenvolvimento saudável (Shonkoff & Famri, 2009). O desenvolvimento da criança é descrito pelas funções intelectuais da criança, “toda criança se apresenta para nós como um teórico, caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual superior ou inferior, que se desloca de um estágio a outro.” Contudo, por vezes as necessidades da criança e os incentivos que são eficientes para a sua ação são ignoradas (Vigotski, 2007).

Os primeiros anos de vida são fundamentais e essenciais para desenvolver a qualidade dos relacionamentos pessoais com o ambiente, e oferecer experiências

sensoriais às crianças desta idade. Os primeiros seis anos de vida são importantes, pois são fundamentais para as futuras competências afetivas, cognitivas e sociais. Neste momento a criança aprende a fazer amigos, a relacionar-se e a ser social, desenvolvendo assim valores, através da relação com a família, a escola e a restante comunidade (Pereira, *et al.* 2011).

## **Problemática de Investigação**

Com este capítulo pretendo enquadrar e especificar a problemática da investigação. Segundo Quivy (2003), entende-se por problemática a perspetiva ou abordagem teórica que se adota para tratar um problema que é formulado através de uma pergunta de partida, de forma a interrogar o tema a ser estudado e o que o mesmo abrange. Para se construir uma problemática é necessário definir os principais pontos teóricos da investigação.

No decorrer do Mestrado e com a prática profissional nas diferentes valências, tanto no pré-escolar como no 1º ciclo, são visíveis as rotinas das crianças, o que fazem durante o dia, que atividades são realizadas e normalmente há muito foco no que as crianças fazem e aprendem dentro da sala, no entanto as crianças não passam todo o período letivo dentro de uma sala, existe o recreio em que as crianças permanecem num determinado espaço de tempo no exterior da sala. O recreio é o espaço onde podem realizar as atividades que quiserem e podem ser eles mesmos a controlá-las e a escolhê-las livremente. É também designado por intervalo, ou seja, o tempo que medeia entre dois períodos letivos. Na definição do contexto de recreio está também implícito o espaço ao ar livre que é fundamental para promover nas crianças um estilo de vida saudável, permitindo-lhes explorar os elementos naturais, essenciais tanto para as crianças do pré-escolar como as do 1º Ciclo (Vicente, 2011).

Nesse sentido, pensei focar-me num tema que não tivesse tanto enfoque: as aprendizagens que podem ser feitas no recreio, portanto esta Investigação intitula-se: “O que aprendem as crianças no recreio?”. Com esta investigação pretendo conhecer que aprendizagens as crianças obtêm no recreio. Os objetivos da minha investigação são: conhecer a perspetiva da criança acerca do recreio; conhecer a perceção das educadoras e professoras acerca do recreio; analisar a importância do recreio e compreender de que forma contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Pretendo conseguir respostas aos objetivos traçados através da pesquisa teórica e da análise das entrevistas realizadas, que irão ser abordadas nas páginas seguintes.

## **Metodologia de Investigação**

A Investigação em educação é “um campo de acção e pensamento multi-referenciado”. Por esse motivo, essa “multi-referencialidade” resulta do cruzamento das duas vertentes referidas, sendo estas indissociáveis. Considera-se que o campo de acção e pensamento são: as abordagens de pesquisa, mais especificamente as teórico-metodológicas e também o perfil do investigador (Alves & Azevedo, 2010).

Nesta investigação não poderiam faltar as abordagens utilizadas, portanto neste capítulo encontra-se toda a metodologia utilizada. O mesmo descreve qual o tipo de investigação, a forma de recolha de dados, a caracterização, bem como a seleção das amostras recolhidas na presente investigação, para as quais foram obtidas as respetivas autorizações (Anexo A).

A metodologia caracteriza-se pelo estudo do método, mais concretamente, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para elaborar uma pesquisa. Não deve ser confundida com a teoria nem com os métodos e técnicas, pois interessa-se pela validade do percurso escolhido para se chegar ao que é proposto pela pesquisa. Indica assim a escolha teórica pelo pesquisador para versar o objeto de estudo (Gerhardt & Silveira, 2009).

### **1. Tipo de Estudo**

Relativamente ao tipo de investigação, a mesma é de carácter descritivo, pois era a que a meu ver se adequava melhor à minha problemática e aos objetivos definidos. Sendo que uma investigação descritiva descreve fatos e fenómenos de uma determinada realidade ou fenómeno, exigindo ao investigador diversas informações sobre o tema que pretende investigar (Triviños, 1987), neste caso a realidade pretendida são as aprendizagens das crianças no recreio. Tal como defende (Gil, 2008), que afirma que o principal objetivo da investigação é descrever as características de um determinado fenómeno ou relações entre variáveis, elaborando-se assim uma descrição e ou exposição de situações, processos, fenómenos ou factos observados ou identificados pelo investigador, sendo estes caracterizados através de material empírico (Afonso, 2005).

## **2. Instrumentos**

De forma a descrever, analisar e responder à minha questão de investigação, foi utilizada a técnica de entrevista. A entrevista é uma técnica alternativa para se colher informação sobre um tema que não está documentado, podendo ter um carácter exploratório ou ser uma coleta de informação (Gerhardt & Silveira, 2009). Envolve um processo de comunicação entre o entrevistador e o entrevistado, em que ambos inconscientemente ou conscientemente se influenciam mutuamente. Assim, a entrevista é desenvolvida através da interação que cria e captura significados, sendo o curso da mesma influenciado pelas características pessoais de ambos os atores (Aires, 2011). Portanto é a técnica de interação social, em que um dos atores procura obter e o outro é a fonte de informação, sendo uma forma de diálogo assimétrico (Gerhardt & Silveira, 2009). Os procedimentos que o entrevistador utiliza para desenvolver e manter as conversações com o entrevistado e as interpretações que resultam dos mesmos são a base das entrevistas. As mesmas originam a compreensão das biografias, experiências, valores, opiniões, atitudes, aspirações e sentimentos das pessoas entrevistadas (May, 2011).

Segundo May (2011), existem quatro tipos de entrevistas: entrevista estruturada, a entrevista semi-estruturada, a entrevista não estruturada e a entrevista de grupo. Para a minha investigação utilizei entrevista semi-estruturada, neste tipo de entrevista o investigador estrutura um guião, ou seja, um conjunto de questões, sobre o tema pretendido (Gerhardt & Silveira, 2009), neste caso foi seguinte o guião do Anexo B. As perguntas geralmente são especificadas, no entanto o entrevistador pode ir além das respostas, desde que não prejudique as metas de padronização e comparabilidade (May, 2011). Logo, pode permitir que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão aparecendo, criando um “desdobramento” do tema principal (Gerhardt & Silveira, 2009).

## **3. Amostra**

Relativamente à amostra, constrói-se uma amostra para saber algo sobre um grupo, designado população ou universo de estudo, que não se consegue investigar na sua totalidade. Decidir como proceder em relação a um estudo por amostragem e a dimensão de a mostra a utilizar depende dos objetivos definidos na investigação. Existem dois tipos de métodos para recolher amostras, sendo elas a amostragem

probabilística e a amostragem intencional ou de conveniência, sendo esta não-probabilística (Moreira, 1994). O tipo de amostra recolhida na minha investigação é a amostra de conveniência. Este tipo de amostragem é a menos rigorosa, por esse motivo não tem qualquer rigor estatístico, estando ligada a estudos do tipo exploratório ou qualitativo, onde não é exigido um nível de precisão elevado. Neste caso o investigador recolhe a amostra, selecionando os elementos a que tem acesso (Gil,2008). Foi mesmo por este último aspeto que escolhi este tipo de amostragem pois encontrava-me a fazer voluntariado num Centro Escolar. A população escolhida foram: duas educadoras de infância, duas professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico, doze crianças com cinco anos de idade de uma das salas do Pré-Escolar e a doze crianças de uma sala do 1º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **Análise dos Dados**

No período em que me encontrava a elaborar a investigação estava a realizar voluntariado num Centro Escolar da minha zona de habitação. Neste sentido achei mais adequado recolher os meus dados através de entrevistas à população escolar desse mesmo local.

Depois de efetuadas as entrevistas, foi realizada a sua transcrição integral para uma posterior leitura do conteúdo das mesmas. Essa leitura foi fundamental para a compreensão do conteúdo, a seleção e a recolha dos principais dados, que conseguem responder às questões e objetivos definidos para este trabalho. Posteriormente a essa primeira leitura, de forma a conhecer as informações com que iria lidar, foi realizada uma segunda leitura mais pormenorizada, para recolher os principais dados para a investigação e que respondiam às questões orientadoras.

Com todos os dados recolhidos foi realizada uma análise dos conteúdos, de modo a apresentar e interpretar as principais informações obtidas, especificando as respostas das crianças do pré-escolar e do 1º ciclo, comparando cada uma delas e também as das educadoras de infância e das professoras do 1.º Ciclo. E por fim, são apresentadas as considerações finais, que apresentam as principais conclusões retiradas.

A análise de dados irá permitir recolher as informações necessárias para a investigação, através das respostas às questões realizadas aos entrevistados. Para organizar os dados foram elaboradas as tabelas que determinam a divisão das categorias, das subcategorias e das unidades de sentido, que irão ser apresentadas

posteriormente. Sendo que em anexo (Anexo C,D e E) se encontram as tabelas mais completas, com a apresentação dos resultados de forma mais pormenorizada.

## 1. Apresentação dos resultados das crianças do Pré-Escolar

A tabela abaixo apresentada reflete três categorias, a saber a “importância do recreio”; “o que é feito no recreio” e as “aprendizagens feitas no recreio”. Posso destacar uma convergência de opiniões no que diz respeito à importância do brincar, já que todas as crianças entrevistadas referiram quase de imediato que “brincar” era a atividade mais determinante do recreio, logo seguida da importância do recreio na manutenção e na feitura de novos amigos. Destaco ainda a opinião de uma das crianças que referiu que o recreio não era importante, já que via o recreio apenas como um local de brincadeira e não lhe atribuiu grande importância. Vimos ainda espelhadas nesta tabela a importância do recreio para se poder lanchar, se poder usar os equipamentos e se poder conversar.

**Tabela 1:** Apresentação dos resultados das crianças do Pré-Escolar

Perceção das crianças do Pré-Escolar		
Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
<b>I- Importância do recreio</b>	a) Gosto pelo brincar e diversão	“Sim. (...) Porque gosto de brincar.” (Criança A) “Sim. (...) Porque é divertido.” (Criança H)
	b) Brincar com os amigos	“Sim. (...) Por causa que brinco com os meus amigos.” (Criança E)
	c) Faz bem	“Sim. (...) Porque faz bem. (...) Brincar.” (Criança A)
	d) A existência de Brinquedos	“Sim. (...) Porque tem balancés para brincar.” (Criança C)
	e) Importante para a saúde	“Sim. (...) Para termos saúde. (...) Porque brincamos.” (Criança J)
	f) Energia para brincar	“Sim. (...) Porquê? (...) Porque, depois tem... energia para nós brincarmos.” (Criança K)
	g) O recreio não é importante	“Não. (...) O recreio é só para brincar!” (Criança F)
	a) Brincar e jogar	“Brincar. (...) Às escondidas (...) Jogar futebol.” (Criança B)

<b>II- O que é feito no recreio</b>	b) Brincar com os amigos	<i>" (...) Eu brinco com as minhas amigas." (Criança G)</i>
	c) Usar os equipamentos	<i>"Ando de baloiço, ando de escorrega..." (Criança F)</i>
	d) Conversar	<i>" (...) Conversamos...." (Criança J)</i>
	e) Lanchar	<i>"Ahm... Às vezes a L deixa nós lancharmos ali, hum..." (Criança K)</i>
<b>III- Aprendizagens no recreio</b>	a) Aprender a gerir conflitos	<i>"Sim, a não fazer mal. A não fazer mal aos amigos." (Criança F)</i>
	b) Aprender a respeitar	<i>"Sim (...) A respeitar as auxiliares." (Criança D)</i>
	c) Fazer mais amigos	<i>"Sim. A ganhar mais amigos." (Criança E)</i>
	d) Aprender a brincar	<i>"A brincar." (Criança K).</i>

## 2. Apresentação dos resultados das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Na tabela seguinte podemos ver refletida, mais uma vez com grande incidência, a importância do recreio para brincar. A par do que foi referido pelas crianças do pré-escolar também poder brincar ou ajudar os amigos foi referido com alguma incidência. Destaco ainda, para algumas crianças a importância do recreio para poderem descansar, lanchar e ir à biblioteca, sendo que gostaria de salientar a importância do recreio no sentido de aprenderem a respeitar os outros, o que, a meu ver, reflete algo de muito importante. Foi ainda referido por algumas crianças que o recreio não era importante e que, lá, não se aprendia nada. A meu ver estas últimas opiniões revelam, ainda, uma visão muito redutora do papel do recreio, visão essa que espero, seja alterada com o passar dos anos.

**Tabela 2:** Apresentação dos resultados das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Perceção das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico		
Categories	Subcategorias	Unidades de Sentido
<b>I- Importância do recreio</b>	a) Gosto pelo brincar e diversão	<i>"Sim. (...) Porque é divertido brincar." (Criança E)</i> <i>"Gosto! (...) Porque...Brincamos... (...)" (Criança H)</i>

	b) Brincar com os amigos	<i>"Brinco com os meus amigos (...)" (Criança J)</i>
	c) Fazer muitas coisas	<i>"Sim! (...) Porque posso fazer muitas coisas." (Criança C)</i>
	d) Ajudar os amigos	<i>"Sim. (...) Porque ajudo os amigos, brinco com eles, quando eles caem eu ajudo-os." (Criança J)</i>
	e) Sim/ não	<i>"Mais ou menos... (...)" (Criança A)</i>
	f) Aprender a brincar com calma	<i>"Para nós aprendermos a brincar com calma (...)" (Criança A)</i>
	g) Aprender a respeitar os outros	<i>"Para nós aprendermos (...) a respeitar os outros..." (Criança A)</i>
	h) Estar com os amigos	<i>" Sim. (...) Porque podemos estar com os nossos amigos." (Criança C)</i>
	i) Almoçar/Lanchar	<i>" (...) Às vezes é importante para comer e isso." (Criança G)</i>
	j) Descansar	<i>" (...) E é um tempo que eu estou livre de fazer os trabalhos." (Criança I)</i>
	k) O Recreio não é importante	<i>Não. (...) Porque não há coisas para aprender." (Criança F)</i>
<b>II- O que é feito no recreio</b>	a) Brincar e Jogar	<i>"Às vezes brinco... à bola, (...) e outras vezes às escondidas e à apanhada." (Criança K)</i>
	b) Ir à biblioteca	<i>" (...) Ir à biblioteca com as minhas amigas(...). Vejo livros na biblioteca... requisito livros n a biblioteca... e jogo jogos com o professor X..." (Criança E)</i>
	c) Saltar e Correr	<i>" (...) Salto, corro e (...)" (Criança F)</i>
	d) Usar os equipamentos	<i>" (...) E tem escorregas, e tem... hum... um campo para jogar á bola, e tem o parque (...)" (Criança D)</i>
	e) Conversar	<i>" (...) Converso com os meus amigos (...)" (Criança A)</i>
	f) Lanchar	<i>" (...) Lancho...aaah... hum (...)" (Criança G)</i>
	g) Ajudar os amigos	<i>"... Vou a ajudar os meninos a procurar alguma coisa..." (Criança B)</i>

	h) Fazer amigos	<i>"... Arranjo amigos (...) Sim... e... e eles aceitam... e... digo a eles se querem brincar e eles dizem que sim..." (Criança D)</i>
<b>III- Aprendizagens no recreio</b>	a) Aprender a respeitar os outros	<i>"... Para aprender a respeitar os outros e para... saber brincar!" (Criança A)</i>
	b) Aprender a respeitar as regras	<i>"Sim! A respeitar as regras." (Criança B)</i>
	c) Aprender a ser amigos	<i>"O que é ser amigo... o que é ser amigo dos meninos. Brincar... dizer que gosto deles... e... e... mais nada." (Criança D)</i>
	d) Aprender a brincar e a jogar	<i>"Aprendo as vezes a brincar a outros jogos." (Criança K)</i>
	e) Não se aprende nada	<i>"Porque não tem fichas... não tem bolsas e não tem mesas." (Criança F)</i>

### 3. Apresentação dos resultados das Educadoras/Professoras

Quanto à tabela seguinte, as questões levantadas sobre a importância do recreio são ligeiramente diferentes das tabelas acima apresentadas. Tal facto tem a ver, como é óbvio, com o papel de cada um dos intervenientes. Para as educadoras/professoras o recreio é visto como o espaço onde as crianças além de poderem brincar livremente, podem expandir energias, descontraírem, aprender regras, partilhar conhecimentos, explorar, desenvolver aprendizagens cognitivas, desenvolver as motricidades fina e larga e talvez o mais importante, é o espaço onde as crianças podem socializar. Saliento o facto de haver uma diferença substancial entre as respostas dadas pelas crianças e pelas educadoras no que à importância do recreio diz respeito, a saber "o brincar". Se para as primeiras o brincar é o principal de tudo, para as segundas, embora tenham referido o brincar de forma ligeira, esse não é o objetivo principal do recreio. Não deixa de ser curiosa esta diferença, e por isso resolvi mencioná-la.

**Tabela 3:** Apresentação dos resultados das Educadoras/Professoras

Perceção dos Educadoras/ Professoras		
Categories	Subcategorias	Unidades de Sentido
<b>I - Papel do recreio</b>	a) Brincar livremente	“ (...) Para poderem brincar livremente (...). Essencialmente para se divertirem livremente ” (Educadora A)
	b) Expandir energias	“ (...) Para expandirem energias (...)” (Educadora A)
	c) Socializar	“ (...) para aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada.” (Educadora B)
	d) Descontrair/Descomprimir	“ (...) E de, e de desanuviarem.” (Professora B)
	e) Divertir	“ (...) Essencialmente para se divertirem, livremente.” (Educadora A)
	f) Interagir	“ (...)E para interagirem com os outros. (...)” (Educadora B)
	g) Lanchar	“ (...) Entretanto dá para lanchar (...) e nesta idade acho que é importante.” (Professora A)
	h) Explorar	“ (...) Um recreio ah que tenha muitas coisas que a criança possa explorar (...)” (Educadora A)
<b>II - Importância do recreio para as crianças</b>	a) Desenvolvimento da motricidade larga e fina	“ (...) ah aí a criança desenvolve muita coisa a nível da motricidade larga e não só (...) ” (Educadora A)
	b) Aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada	“ (...) Ah e também serve para o relacionamento uns com os outros, portanto para aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada.” (Educadora B)
	c) Desenvolver a criatividade	“ (...) Desenvolvem a criatividade (...) (Educadora A)
	d) Aprendizagens sociais	““Sim, sim quer dizer não só a nível social, a aprender a conviver, aprender a partilhar, a cooperar uns com os outros (...) ” (Professora A)

<p align="center"><b>III - Aprendizagens no recreio</b></p>	<p>a) Aprender a socializar e a relacionar-se</p>	<p><i>“ (...) A socialização, essencialmente a socialização, no recreio a aprenderem a brincar livremente (...)” (Educadora A)</i></p>
	<p>b) Aprender as regras</p>	<p><i>“ (...) Isso as regras, para mim as regras é fundamental, as regras e a rotina, para as crianças é fundamental.” (Educadora B)</i></p>
	<p>c) Aprender a partilhar/cooperar</p>	<p><i>“ (...) Não só a nível social, a aprender a conviver, aprender a partilhar, a cooperar uns com os outros (...)” (Professora A)</i></p>
	<p>d) Partilha de conhecimentos</p>	<p><i>“ (...) e penso que estão aprender bastante uns com outros. (...)” (Professora B)</i></p>
	<p>e) Aprendizagens cognitivas</p>	<p><i>“ (...) A nível de aprendizagens cognitivas (...)” (Professora B)</i></p>

#### 4. Discussão de Resultados

A maioria das crianças do pré-escolar afirmou que o recreio é importante, porque para eles é importante brincar; podem brincar e correr; existem baloiços e escorregas; podem descarregar energia e porque o brincar é importante para a saúde. O espaço ao ar livre é fundamental para promover nas crianças um estilo de vida saudável (...) essencial tanto para as crianças do pré-escolar como para as do 1º Ciclo (Vicente, 2011).

No entanto, houve algumas crianças que negaram a sua importância porque na sua opinião serve apenas para brincar, e no seu ponto de vista isso não é relevante. O recreio passa muitas vezes despercebido no contexto escolar, devido ao facto de ser visto somente como um momento de pausa para o professor e um momento do aluno extravasar a sua energia, merendar e descansar. Assim, na maioria das escolas é entendido como um espaço não produtivo (Gonçalves, 2008).

As crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico na sua maioria afirmaram que o recreio é importante, pelos seguintes motivos: faz bem brincar, aprende-se a brincar com calma, aprende-se a respeitar os outros, pode-se estar com os amigos, pode-se comer, porque no recreio têm muitos amigos e brincadeiras, para se divertirem, porque podem brincar quando quiserem e também referem o facto de que trabalham muito e precisam de descansar. É nesse espaço que as crianças podem agir livremente, sendo estes pensados para que a criança possa relaxar e distrair (Cabrita, 2005).

Sendo que foi também referido por uma das crianças do 1.º Ciclo que gostava “mais ou menos” do recreio, porque por vezes existiam discussões e gostava de brincar sem conflitos, contudo, com a brincadeira e o jogo constroem saberes, experimentam sensações, resolvem conflitos, lidam com diferentes sentimentos e aprendem a conviver e a cooperar com um grupo (Silva, 2007).

Relativamente às atividades praticadas no recreio, todas as crianças do pré-escolar mencionaram a palavra brincar, aqui o brincar é a base das atividades do recreio destas crianças. Foram diversas as brincadeiras referidas: brincadeiras com os amigos, brincar às mães e aos pais, à bola, à largada (emitam as touradas), à apanhada, às corridas, a imitar os desenhos animados interpretando o papel das suas personagens, trocar de nome com os amigos e imitá-los e brincar com brinquedos que trazem de casa. Tal como as crianças do 1.º ciclo do ensino básico que referem as seguintes brincadeiras: brincar na companhia dos amigos, às escondidas, à apanhada, ao jogo do 15 (como às escondidas mas as crianças só podem contar até 15), jogar à bola; à “cabra-cega”; às mães e aos pais; aos professores; ao “doutor doí-me muito”; e aos “cãezinhos”. As crianças experienciam aprendizagens lúdicas e jogos, tais como: rodas cantadas, jogos tradicionais (macaca, peão, do lenço, da corda, escondidas, caça ao tesouro, jogos com bola, lengalengas, entre outros) (Martins, 2014).

As crianças, para além de brincarem, referem também: o lanchar, o almoçar, conversar com os amigos, ajudar os amigos e colegas de outras salas, andar de escorrega, jogar jogos, correr, dançar, fazer novos amigos, ir à biblioteca e ver ou requisitar livros. E além de ser programado para a alimentação, o intervalo/recreio proporciona ainda um momento de socialização entre os alunos (Machado, et al. 2013).

No que concerne às aprendizagens feitas no recreio, as crianças do pré-escolar, na sua maioria afirmaram que podiam aprender no recreio, dizendo que aprendem: a não fazer maldades, a não bater nos amigos, a respeitar os adultos, a ganhar novos amigos, a brincar, que o recreio é importante e a lanchar. As crianças aprendem a fazer amigos, a relacionarem-se e a serem seres sociais, desenvolvendo assim valores, através da relação com a família, a escola e a restante comunidade (Pereira, et al. 2011).

Algumas das crianças do 1.º Ciclo afirmaram que aprendiam a respeitar os outros, a saber brincar, a respeitar as regras, a ser educados, a não bater nos amigos, o que é ser amigo, aprendiam jogos novos, faziam coisas novas e aprendiam a divertir-se. Por conseguinte, o recreio é um espaço de desenvolvimento, socialização, aprendizagem e jogo, onde não existe influência direta dos adultos, possibilitando às crianças criarem relações de amizade (Vicente, 2011).

Enquanto outras crianças afirmaram não aprender no recreio, porque lá não existiam fichas, não tinham bolsas, não tinham mesas, o recreio para eles era só para brincar, não se escrevia no recreio e não se aprendiam as letras nem a ler. Na maioria das escolas o recreio é entendido como um espaço não produtivo (Gonçalves,2008).

No que diz respeito à percepção que as docentes têm sobre o papel do recreio, para as educadoras/professoras o recreio é essencial na rotina escolar, pois serve para as crianças brincarem de forma livre, para se libertarem, desanuviarem e para difundirem a suas energias. Referem ainda que o principal objetivo do recreio é a descontração e a decompressão das atividades orientadas e que o recreio é ainda o local onde as crianças podem lanchar. Sendo que estes aspetos são importantes tendo em conta a faixa etária das crianças. Wenetze e Stigger (2006) referem o recreio como um espaço favorável para um bom desenvolvimento motor e social, permitindo à criança expor as suas emoções, trocar experiências, viver aventuras, conquistar a sua própria liberdade, vivenciar sentimentos, selecionar os seus amigos e agir e interagir perante qualquer situação. No recreio, as crianças têm a possibilidade de partilhar experiências, manter relações sociais, brincar, criar ou fortalecer laços de amizade com os parceiros, nos jogos com bola, da macaca, da apanhada, entre tantos outros (Cabrita, 2005).

Sobre a importância do recreio para as crianças e do ponto de vista das educadoras/professoras, o recreio é importante para descontrair das atividades orientadas, realizando atividades livres. Acrescentando que se o recreio for muito longo é importante existirem atividades “subtilmente orientadas”, ou seja atividades em que as crianças não sintam que são orientadas, estas são importantes pois chega uma determinada altura em que as crianças começam a agredir-se, então essas atividades vão auxiliar. “O espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de atividades informais.” (OCEPE, 1997, p. 39)

No entanto o recreio é mesmo caracterizado por ser livre, para atividades livres e para as crianças interagirem entre si, de um modo diferente do que acontece dentro da sala, é essa a sua importância. Sendo que as crianças ocupam este espaço de uma forma muito natural e espontânea (Pereira, Pereira & Condessa, 2014).

É importante para que as crianças se libertem, brinquem, expandam energias, desenvolvam a sua motricidade larga, para que haja diversão e para que haja interação entre as crianças. Segundo Vicente (2011), é um tempo bastante importante para o desenvolvimento da criança.

Na sua visão, para as crianças desta faixa etária é complicado estarem tanto tempo a trabalhar, o tempo que estão em aula é o suficiente para que estejam atentas

e empenhadas, depois disso, necessitam de espaço para poderem descontraírem, desanuviar e correr para que possam ter energias para voltar ao ritmo de sala. Para o psicanalista Winnicott (1975), é através do brincar que tanto a criança como o adulto pode utilizar a sua personalidade integralmente e ser criativo e através dessa criatividade descobre o seu verdadeiro “eu”.

O recreio é um espaço só das crianças em que elas fazem o que acham mais pertinente e o que mais gostam. É também onde têm de respeitar as outras crianças, onde gerem as suas brincadeiras e organizam-nas de modo a que todos possam brincar em harmonia. Precisam também de tempo e espaço para brincar com os mesmos fora das atividades formais, que lhes ofereçam momentos para o desenvolvimento de processos de pensamento e socialização e é a brincadeira que vai proporcionar isso (Brazelton & Greenpan, 2002).

A brincadeira é uma maneira das crianças interagirem entre si, de forma positiva, e ao interagirem entre si aprendem a relacionar-se. Através do recreio as crianças desenvolvem a socialização, a criatividade, o “inter-relacionamento” entre pares, a motricidade fina e a motricidade larga, que se encontra relacionada com o correr, o saltar, o desenvolvimento de todas as capacidades motoras que irão ser importantes no desenvolvimento de todas as áreas. É no contexto da cultura escolar que o recreio é identificado como um tempo/ espaço onde diferentes tipos de alunos se inter-relacionam, constituindo o momento em que acontecem diversas aprendizagens, principalmente aquelas que ocorrem através das brincadeiras (Wenetze & Stigger, 2006).

Quanto às aprendizagens que podem ser promovidas no recreio, para as educadoras/ professoras muitas dessas aprendizagens podem ser feitas no recreio. A socialização, a criatividade e a relação entre pares, podem existir ainda mais num recreio com mais materiais, pois permite que as crianças explorem mais e desenvolvam as suas capacidades motoras, o que os irá ajudar no desenvolvimento das outras áreas, portanto, se o recreio for “mais rico” as crianças fazem mais aprendizagens. Permitindo-lhes explorar os elementos naturais, essenciais tanto para as crianças do pré-escolar como as do 1º Ciclo (Vicente, 2011). O recreio pode contribuir a nível social, pois aprendem a conviver, a partilhar e a cooperar uns com os outros. Também o facto de as crianças possuírem vivências diferentes, permite que compartilhem conhecimentos umas com as outras. Para Cabrita (2005), o brincar é uma forma lúdica de aprender, mostrar emoções, vivenciar sentimentos e trocar experiências.

Na visão das educadoras/ professoras, o recreio promove aprendizagens a nível social e cognitivo. As crianças, como já vimos, ao interagirem entre si estão a aprender

a relacionar-se, a respeitarem-se uns aos outros, a organizarem as suas próprias brincadeiras e ainda aprendem uns com os outros. Além disso uma pessoa só está bem a nível cognitivo se também estiver a nível social, pois tem de se adaptar ao meio. Existe uma ligação entre brincar e os ganhos cognitivos, pois as crianças aprendem através do brincar (NAEYC, 1997).

Em suma, o recreio, como parte integrante da escola e como parte integrante da vida das crianças que o frequentam, reveste-se de uma importância fundamental no desenvolvimento social, físico, intelectual e cognitivo das crianças, como atestam todas as entrevistas acima referidas, suportadas pelos autores referenciados, à exceção de algumas crianças que não entendiam o recreio como uma fonte de aprendizagem, já que não tinham exercícios, nem cadernos para trabalhar.

Podemos ainda concluir que, de uma forma mais elaborada, como é óbvio, as educadoras e as professoras convergem nas suas opiniões e nas considerações que tecem sobre a importância do recreio na vida da escola e conseqüentemente na vida das crianças, essa convergência é alargada à opinião das crianças entrevistadas, que de uma forma mais simples e mais “terra a terra” referem o que, na sua opinião, é o recreio.

Gostava de salientar contudo, uma diferença que me saltou à vista, entre a opinião das crianças e a das professoras/educadoras: no geral as crianças entendem o recreio apenas como o espaço e o tempo para a brincadeira e para estarem com os amigos, enquanto as professoras/educadoras além deste facto entendem ainda o recreio como uma parte importante e relevante na aprendizagem dos alunos, na forma como se relacionam uns com os outros e na forma como adquirem competências sociais sem que disso se apercebam.

Um outro ponto de convergência entre as opiniões das educadoras/professoras e das crianças foi o facto de o recreio servir como plataforma de descanso e de relaxamento entre as atividades letivas.

Refiro ainda um facto que achei curioso pela sua omissão. Esperava da parte das educadoras e das professoras uma referência a um ponto que também me parece importante no que ao recreio diz respeito: o aproveitamento do recreio, para de uma forma subtil, ou não, promover a aprendizagem formal, como por exemplo: ensinar os alunos a contar ou a medir distâncias a passos, por forma a terem uma noção das distâncias. Para isto vários jogos podem ser inventados o que promoveria este tipo de aprendizagem.

## Reflexão Final

Perante esta fase final da minha formação, é pertinente refletir acerca do meu percurso desenvolvido ao longo do mestrado. Através da retrospectiva das aprendizagens realizadas, tanto das práticas, como das teóricas e das sociais.

Em primeiro lugar devo referir as Unidades Curriculares, pois forneceram-me as bases e a teoria para o desenvolvimento do meu trabalho em campo, auxiliando o meu percurso prático inicial e dando-me ferramentas para que eu pudesse organizar o mesmo. Também as práticas supervisionadas foram um ponto fulcral para o meu enriquecimento e desenvolvimento profissional e onde pude colocar em prática a teoria com que contactei. A Prática Pedagógica como parte integrante dos cursos de formação, são essenciais pois permitem usufruir de formação científica específica, social e pessoal, possibilitando contactar formalmente os discentes na prática profissional docente, sendo também transmitida a responsabilidade pela docência (Formosinho, 2009). Segundo Francisco e Pereira (2004), o estágio é um processo essencial na formação do discente estagiário, pois é quando o aluno transita de aluno para professor, “o aluno de tantos anos descobre-se no lugar de professor”. Ou seja, a prática supervisionada torna-se essencial no processo de formação docente, visto que oferece condições aos futuros educadores, nomeadamente aos estudantes, permitindo uma relação próxima com o ambiente envolvente de um professor e, através dessa experiência, compreender como futuros professores, podem pela primeira vez, encarar o desafio de conviver, falar e escutar diversos saberes do seu meio.

Nos contextos de estágio foi essencial o auxílio das educadoras e professoras cooperantes, pois além de contactarmos com o seu trabalho, ajudam-nos a conhecer as crianças, as instituições, a organização de atividades, a conhecer estratégias, na nossa construção do “perfil” de Educadora/Professora, através da partilha de conhecimentos e da sua experiência. Os professores supervisores auxiliam-nos na organização do nosso trabalho ao longo da prática supervisionada e aconselham-nos de forma a adequarmos a nossa postura como futuros educadores/professores, no esclarecimento de dúvidas e no nosso desenvolvimento profissional. Segundo Vygotsky, (citado em Lopes, 2009), a interação social e de mediação é um ponto essencial no processo educativo, pois para o mesmo, esses elementos estão estreitamente ligadas ao processo de desenvolvimento dos sujeitos. Em suma, a atuação do professor é muito importante para o aluno, pois os avanços e as conquistas do aluno em relação à sua aprendizagem na escola dependem da sua mediação. Organizar a prática escolar, tendo em conta estes pressupostos, é uma forma de ajudar

o aluno a ser um sujeito em constante construção e transformação para que, através das interações, se torne capaz de intervir e agir no mundo.

Qualquer estágio, tanto em pré-escolar como em 1.º ciclo do ensino básico, me permitiu contactar diretamente com a realidade de um educador ou professor, possibilitando-me estar nesses papéis. Neles interagi e conheci cada criança, contactando diretamente com as mesmas. Organizei atividades e aulas, organizei o ambiente educativo, aprendi a planificar, como interagir e organizar um grupo de crianças, construir um projeto de estágio, a avaliar e a contactar com a realidade das instituições educacionais e os seus projetos.

Portanto, consegui conhecer o perfil tanto de um educador de infância, como o de um professor de 1.º ciclo, que futuramente irei exercer. Segundo o decreto de Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, as atividades e a orientação na educação pré-escolar são garantidas pelos educadores de infância e o ensino do 1.º ciclo é “globalizante” a cargo de um professor, que é único, podendo este ser especializado em diferentes áreas. Especificando, na valência de educação pré-escolar, o educador desenvolve o respetivo currículo através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com o principal objetivo de contruir aprendizagens integradas.

No que concerne à organização do ambiente educativo o educador: organiza o espaço e os materiais, disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, organiza o tempo de forma flexível e diversificado; mobiliza e gere recursos educativos; cria e mantém as condições de segurança necessárias. Relativamente à observação, planificação e avaliação: observa cada criança, para planificar atividades e projetos adequados a cada criança e ao grupo; tem em conta as competências de cada criança para a planificação do processo de ensino e de aprendizagem; planifica a sua intervenção de forma integrada e flexível e planifica atividades com objetivos abrangentes e transversais.

Por fim, no âmbito da relação e da ação educativa: relaciona-se com as crianças de modo a favorecer a segurança afetiva e a promover a autonomia; promove o envolvimento da criança em atividades e projetos da escola e da comunidade; fomenta a cooperação entre as crianças; envolve as famílias e a comunidade nos projetos; apoia e fomenta o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo; estimula a curiosidade da criança pelo que a rodeia, fomenta nas crianças capacidades de realização de tarefas e disposições para aprender, e promove o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de educação para a cidadania.

Explicitando o perfil do professor do 1.º ciclo do ensino básico, o mesmo desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobiliza assim e integra os conhecimentos científicos das áreas que fundamentam as competências necessárias à promoção da aprendizagem por parte dos alunos. Neste âmbito o professor: coopera na construção e avaliação do projeto curricular da escola e concebe e gere, em colaboração com outros professores e em articulação com o conselho de docentes, o projeto curricular da sua turma; desenvolve as aprendizagens relativas às áreas e conteúdos curriculares; organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino através da análise de cada situação concreta de casa aluno; utiliza os conhecimentos prévios dos alunos, obstáculos e os erros, na construção das situações de aprendizagem escolar, promove a integração de todas as vertentes do currículo; fomenta a aquisição integrada de métodos de estudo e de trabalho intelectual nas aprendizagens; promove a autonomia dos alunos; avalia as aprendizagens dos alunos, com instrumentos adequados; desenvolve nos alunos o interesse e o respeito por outros povos e culturas e fomenta a iniciação à aprendizagem de outras línguas; promove a participação ativa dos alunos; relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade.

Para finalizar, ao olhar para todo o meu percurso posso afirmar que aos poucos fui desenvolvendo e melhorando as minhas capacidades de planeamento, de observação e de relacionamento com as crianças, como educadora e professora, tentando ter em conta os pontos anteriormente referidos do perfil dos educadores e professores. Inicialmente não havia muita segurança, e apesar de isso tender em acontecer, a insegurança foi diminuindo com o passar de cada estágio e com o passar do tempo no mestrado. A meu ver aprendi bastante ao nível relacional, ao nível do conhecimento do funcionamento das instituições de ensino que frequentei, ao nível organizacional e enriqueci a nível pessoal e profissional com todas as experiências com que pude contactar. No meu ponto de vista melhorei em muito o meu trabalho ao longo do Mestrado, à medida que fui alargando os meus conhecimentos.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Lisboa: Asa, Editores.
- Alves, M. G. & Azevedo, N. R. (Ed) (2010). *Investigar em Educação: Desafios da Construção de Conhecimento e da Formação de Investigadores num Campo Multi-referenciado*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pp. 1-29.
- Alves, S. (2013). *Brincar e aprender no espaço exterior*. Departamento da Educação. Universidade de Aveiro.
- Antunes, N. L. (n.d.). A Importância do Recreio. Recuperado de: <http://lifestyle.sapo.pt/familia/crianca/artigos/a-importancia-do-recreio>.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Madrid: McGraw.
- Bandet, J. & Sarazanas, R. (1973). *Técnicas de Educação: a criança e os Brinquedos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Brazelton, T. e Greenpan, S. (2002). *A criança e o seu mundo: requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bonito, J., Raposo, N., & Trindade, V. (2009). Funções e Competências do Novo Docente: Breve Apontamento, *Educação- temas e problemas*, 7 (4), 57-67.
- Cabrita, A. (2005). *Recreio – Espaço de Lazer/Tempo de Aprender*. Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Porto.
- Declaração de Salamanca (1994). *Enquadramento e Ação na área das Necessidades Educativas Especiais – Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade*. Salamanca, Espanha: Unesco.
- Falkembach, M. (2007). O lúdico e os jogos educacionais. Recuperado de [http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa4/leituras/arquivos/Leitura\\_4.pdf](http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa4/leituras/arquivos/Leitura_4.pdf).
- Ferran, P., Mariet, F. & Porcher, L. (1979). *Técnicas da educação: Na escola do Jogo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores: Aprendizagem Profissional e Ação Docente*. Porto: Porto Editora.

- Francisco, C. M. & Pereira, A. S. (2004). Supervisão do desempenho do aluno no estágio. Recuperado de: <http://www.efdeportes.com/efd69/aluno.htm>.
- Portugal, G. (2011). Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo da creche. Lisboa: CNIS.
- Garvey, C. (1976). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Gerhardt, E. & Silveira, D. (2009). Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Guerra, M. D. S. (1999). A reflexão de um processo vivido em estágio supervisionado: dos limites às possibilidades. (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo) Recuperado de: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000184105&fd=y>.
- Lopes, R. (2009). *A Relação Professor Aluno e o Processo Ensino Aprendizagem*. Paraná (Brasil): Programa de Desenvolvimento Educacional.
- Machado, D., Rmagnolli, L., Batista, Q. e Tonholo, T. (2013, jul-dez). Qual a Relação Entre Ensinar e Aprender História na Escola e a Hora do “Recreio”? *Revista Eletrônica Pro-Docência*, 1, 139-147. Recuperado de <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/Volume4/TEXT0%2014-%20p.%20139%20a%20147.pdf>
- May, T. (2001). Pesquisa social: Questões, métodos e processos. São Paulo: Artmed Editora SA.
- ME-DGIDC (2013). Programa e Metas Curriculares Matemática - Ensino Básico. Lisboa: ME-DEB.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Moreira, C. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências sociais e Políticas.
- NAEYC (National Association of Early Childhood Specialists in State Departments of Education) (1997). The value of school recess and outdoor play. Documento da NAEYC. <http://www.peacefulplaygrounds.com/pdf/right-to-recess/recessimportance-of-play.pdf>.

- Neto, C. (1995). Motricidade e Jogo na Infância. Rio de Janeiro: Ed. Sprint.
- Neto, C. (1997). Tempo e Espaço de Jogo para a Criança. In Neto. Jogo e desenvolvimento da Criança. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Niza, S. (1996). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho, Modelos Curriculares de Educação de Infância (pp.139-156). Porto: Porto Editora.
- Pereira, V., Pereira, B. e Condessa, I. (2014). O Tempo de recreio na escola. Que sentimentos? Que Benefícios? Perspetivas dos alunos de 1º ciclo do ensino básico. In: Pereira, B., Silva, N., Cunha, C. e Nascimento, V. (Coord). Atividade Física, saúde e Lazer. Olhar e pensar o coepo. 1ªed.. pp.67-88). Florionopolls.
- Pereira, L. & Bonfin, P. (2009). *Brincar e aprender: um novo olhar para o lúdico no primeiro ano do Ensino Fundamental*. Educação, v. (34). N2,295-310, maio/agosto 2009- <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>
- Perrenoud, P. & Thurler, M. (2006). Cooperação entre Professores: A Formação Inicial deve Preceder às Práticas. *Cadernos de Pesquisa*, 36, (128).
- Pimenta, S. e Lima, M. (2007). Estágio e Docência. *Revista Poíesis*: 3, (3 e 4), 5-24.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2003). Manual de Investigação em Ciências Sociais- Portugal: Gradiva.
- Reboul, O. (1982). *O que é Aprender?*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Roldão, M.C. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*, 34, 94-103.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sayegh, F. (2006). As relações entre o desenvolvimento e aprendizagem para Piaget e Vygotsdsky. Recuperado de: <http://www.profala.com/artpsico60.htm>.
- Silva, A. (2007). *Recre(i)ar o espaço escolar- contributos das crianças*. Fundação Para a Ciência. Universidade do Minho.
- Turrete, C. e Guidette, M. (2009). Introdução à Psicologia do Desenvolvimento: do nascimento à adolescência. Editora vozes.

- Triviños, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- UNICEF (1989). Convenção sobre os Direitos das Crianças. Recuperado de [http://www.unicef.pt/docs/pdfpublicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdfpublicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf).
- Vandenplas- Holper, C. (1983). *Educação e Desenvolvimento Social da Criança*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vicente, N. (2011, janeiro). Brincar, jogar e aprender. *Noesis*, 84, 22-32. Recuperado de [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/CDIE/RNoesis/2011\\_noesis\\_84.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/CDIE/RNoesis/2011_noesis_84.pdf)
- Vigotski, L. (2007). *A formação Social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wenez, I. e Stigger, M. (2006, janeiro). A Construção do Gênero no Espaço Escolar. *Movimento*, 12, 59-80. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2891/1527>
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Recuperado de <http://docslide.com.br/documents/o-brincar-e-a-realidade-d-w-winnicott-1975.html>

#### **Legislação:**

- Lei nº46/86, de 14 de Outubro de 1986 (Lei de bases do Sistema Educativo).
- Lei nº 319/91, de 23 de Agosto.
- Lei nº241/2001, de 30 de Agosto de 2001.

## **Anexos**

## **Anexo A- Pedido de autorização aos Encarregados de Educação**

Exmo. Sr. Encarregado de Educação

Sou aluna da Escola Superior de Educação de Santarém e neste momento estou a terminar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. No âmbito da minha investigação para o relatório final, na qual pretendo conhecer a contribuição do recreio para as aprendizagens das crianças, venho por este meio solicitar a V. Ex.<sup>a</sup>, a autorização para entrevistar o seu educando em relação ao recreio.

Joana Calado

---

Educadora

---

Autorizo:

Sim: \_\_\_\_\_

Não: \_\_\_\_\_

O Enc. De Educação: \_\_\_\_\_

## Anexo B – Guiões das Entrevistas

### Guião de entrevista A

**Tema:** “O que aprendem as crianças no recreio?”.

**Entrevistados:** Crianças do pré – escolar/ 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Blocos	Objetivos Específicos	Questões
<p><b>Bloco 1:</b> O recreio e sua dinâmica.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer a perceção das crianças acerca do recreio.</li><li>• Caracterizar as atividades que ocorrem no recreio.</li></ul>	<p>- Gostas do recreio? Porquê?</p> <p>- Achas que o recreio é importante? Porquê?</p> <p>- O que costumas fazer nos recreios?</p> <p>- Brincas a quê?</p> <p>- Além de brincare, o que fazes mais?</p>

<p><b>Bloco 2:</b> Recreio e aprendizagens.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Entender o que as crianças podem aprender no recreio.</li></ul>	<p>- Aprendes alguma coisa no recreio? O quê?</p>
---	---	---

## Guião de entrevista B

**Tema:** “O que aprendem as crianças no recreio?”.

**Entrevistados:** Educadoras de Infância/ Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Blocos	Objetivos Específicos	Questões
<b>Bloco 1:</b> O papel do recreio.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Analisar a importância do recreio.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Na sua opinião, para que serve o recreio?</li><li>- A seu ver, que importância tem o recreio para as crianças?</li></ul>
<b>Bloco 2:</b> O papel da brincadeira nas aprendizagens.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Compreender de que modo a brincadeira pode contribuir para as aprendizagens das crianças.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Do seu ponto de vista, a brincadeira pode contribuir para a aprendizagem das crianças? Em que sentido?</li></ul>

**Bloco 3:**

Recreio e aprendizagens.

- Entender o papel do recreio no desenvolvimento das crianças;
- Compreender o papel do recreio nas aprendizagens das crianças;
- Descrever o que as crianças podem aprender no recreio.

- Considera que o recreio contribui de alguma forma para o desenvolvimento das crianças? De que modo?

- Que aprendizagens considera que podem ser promovidas no recreio?

## Anexo C – Apresentação de Resultados das Criança do Pré- Escolar

Percepção das Crianças: Pré-Escolar		
Categories	Subcategorias	Unidades de Sentido
<b>I- Importância do Recreio</b>	a) Gosto pelo brincar e diversão	<p><i>“Sim. (...) Porque gosto de brincar.” (Criança A)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque é para brincar.” (Criança C)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque é giro brincar no recreio.” (Criança F)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque é divertido.” (Criança H)</i></p>
	b) Brincar com os amigos	<p><i>“Gosto. (...) Porque gosto de brincar com os amigos.” (Criança D)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Por causa que brinco com os meus amigos.” (Criança E)</i></p>

	c) Faz bem	<p><i>“Sim. (...) Porque faz bem. (...) Brincar.” (Criança A)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque é importante brincar.” (Criança B)</i></p> <p><i>“Acho (...) porque estão pessoas a brincar e a correr.” (Criança E)</i></p>
	d) A existência de brinquedos	<p><i>“Sim. (...) Porque tem balancés para brincar.” (Criança C)</i></p> <p><i>“ (...) Para brincar no escorrega a escorregar...” (Criança D)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque tem...brinquedos para brincar e tem areia.” (Criança K)</i></p> <p><i>“Gosto. (...) Porque tem coisas para brincar” (Criança I)</i></p>
	e) Importante para a saúde	<p><i>“Sim. (...) Para termos saúde. (...) Porque brincamos.” (Criança J)</i></p>
	f) Energia para brincar	<p><i>“Sim. (...) Porquê? (...) Porque, depois tem... energia para nós brincarmos.” (Criança K)</i></p>

	g) O recreio não é importante	<p><i>“Não. (...) O recreio é só para brincar!” (Criança F)</i></p> <p><i>“Hum! Acho que não. (...) Porque é para brincar.” (Criança H)</i></p>
<b>II - O que é feito no recreio</b>	a) Brincar e jogar	<p><i>“Brincar. (...) À bola.” (Criança A)</i></p> <p><i>“Brincar. (...) Às escondidas. (...) Jogar futebol.” (Criança B)</i></p> <p><i>“Brincar. (...) À largada... (...) Há um touro, nós saltamos e depois pegamos e depois vamos para as grades. (...) À apanhada... Às escondidas... às corridas...” (Criança D)</i></p> <p><i>“...Aos jogos todos.” (Criança E)</i></p> <p><i>“ (...) Jogamos à apanhada.” (Criança J)</i></p> <p><i>“ Às vezes às mães e aos pais (...)” (Criança K)</i></p>
	b) Brincar com os amigos	<p><i>“ (...) Eu brinco com as minhas amigas.” (Criança G)</i></p>

		<i>“ Ahm... posso brincar com as minhas amigas.” (Criança H)</i>
	c) Usar os equipamentos	<i>“Brincar na areia.” (Criança C)</i> <i>“Ando de baloiço, ando de escorrega...” (Criança F)</i> <i>“Sei brincar com as minhas coisas mas também mais aquele cavalinho. (...) E também no escorrega...” (Criança H)</i> <i>“ (...) Às vezes brinco na areia (...) ” (Criança K)</i>
	d) Conversar	<i>“ (...) Conversamos....” (Criança J)</i>
	e) Lanchar	<i>“Ahm...Às vezes a L deixa nós lancharmos ali, hum...” (Criança K)</i>
<b>III- Aprendizagens no recreio</b>	a) Aprender a gerir conflitos	<i>“...A não fazer mal “ (Criança A)</i> <i>“Sim (...) Que não é para bater aos amigos.” (Criança B)</i>

		<i>“Sim, a não fazer mal. A não fazer mal aos amigos.” (Criança F)</i>
	b) Aprender a respeitar	<i>“Sim (...) A respeitar as auxiliares.” (Criança D)</i>
	c) Fazer mais amigos	<i>“Sim. A ganhar mais amigos.” (Criança E)</i> <i>“Sim, a ter amigos novos.” (Criança J)</i>
	d) Aprender a brincar	<i>“A brincar.” (Criança K).</i>

**Anexo D – Apresentação de Resultados das Criança do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Perceção das Crianças: 1.º Ciclo do Ensino Básico		
Categories	Subcategories	Unidades de Sentido
<b>I- Importância do recreio</b>	a) Gosto pelo brincar e diversão	<p><i>” Gosto! (...) Porque... para brincar (...)” (Criança B)</i></p> <p><i>“ (...) Podemos brincar (...). Porque... é divertido (...)” (Criança D)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque é divertido brincar.” (Criança E)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque...gosto muito de brincar.” (Criança K)</i></p> <p><i>“Gosto! (...) Porque...Brincamos... (...) ” (Criança H)</i></p> <p><i>“Sim. (...) Porque gosto de brincar... (Criança I)</i></p> <p><i>“ Porque podemos brincar quando a gente quiser.” (Criança K)</i></p>

	<p>b) Brincar com os amigos</p>	<p><i>“ (...) Para tar com os meus amigos a brincar. E é só isso...” (Criança B)</i></p> <p><i>“ Sim. (...) Porque é ... é para brincar com os meus amigos e... sempre que eu vou brincar no escorrega, o meu amigo está ao meu lado e eu escorrego com ele.” (Criança G)</i></p> <p><i>“Brinco com os meus amigos (...)” (Criança J)</i></p>
	<p>c) Fazer muitas coisas</p>	<p><i>“Sim! (...) Porque posso fazer muitas coisas.” (Criança C)</i></p>
	<p>d) Ajudar os amigos</p>	<p><i>“Sim. (...) Porque ajudo os amigos, brinco com eles, quando eles caem eu ajudo-os.” (Criança J)</i></p>
	<p>e) Sim/ não</p>	<p><i>“Mais ou menos... (...) Porque... vejo meninos a discutir e essas coisas! (...) Às vezes vejo meninos a discutir ali. Gosto com uma parte e não gosto de outra!” (Entrevistadora: “Então e qual é a parte que tu gostas?”) É a parte de brincar com calma!” (Criança A)</i></p>

	f) Aprender a brincar com calma	<i>“Para nós aprendermos a brincar com calma (...)” (Criança A)</i>
	g) Aprender a respeitar os outros	<i>“Para nós aprendermos (...) a respeitar os outros...” (Criança A)</i>
	h) Estar com os amigos	<p><i>“ E para tar com os meus amigos a brincar. E é só isso...” (Criança B)</i></p> <p><i>“ Sim. (...) Porque podemos estar com os nossos amigos.” (Criança C)</i></p> <p><i>“ Sim. (...) Porque... na rua temos muitos amigos e... e muitas brincadeiras que podemos brincar.” (Criança H).</i></p>
	i) Almoçar/Lanchar	<p><i>“ Sim. (...) Porque...brinca-se muito e vamos almoçar ao segundo toque.” (Criança D)</i></p> <p><i>“ (...) Às vezes é importante para comer e isso.” (Criança G)</i></p>
	j) Descansar	<p><i>“ (...) E é um tempo que eu estou livre de fazer os trabalhos.” (Criança I)</i></p> <p><i>“ (...) Porque nós trabalhamos muito e depois temos de descansar um bocado.” (Criança L)</i></p>

	<p>k) O Recreio não é importante</p>	<p><i>Não. (...) Porque não há coisas para aprender.” (Criança F)</i></p> <p><i>“Não. Porque os meninos estão sempre a brigar, às vezes.” (Criança B)</i></p> <p><i>“Não. (...) Porque no recreio não é nada para aprender.” (Criança I)</i></p> <p><i>“Não. (...) Porque aqui em cima é para trabalhar e lá em baixo é só para brincar (...).” (Criança G)</i></p>
<p><b>II- O que é feito no recreio</b></p>	<p>a) Brincar e Jogar</p>	<p><i>“Brincar! Como é óbvio! (...) aah...às escondidas, à apanhada, ao 15.. que é um jogo que ninguém conhece (...) é tipo as escondidas! Só que só podes contar até 15!” (Criança A)</i></p> <p><i>“ (...) A brincar com os meus amigos (...) À apanhada, à cabra cega, às Winks Clube e à Mia. (Criança B)</i></p> <p><i>“Às mães e aos pais. (...) Ando de escorrega.” (Criança C)</i></p> <p><i>“Costumo brincar muito.... Aaaah .... Mst... e depois.... Brinco...à apanhada, jogo à bola eeee...aaah... e pronto. (Criança D)</i></p> <p><i>” (...) Brincar na portaria com as minhas amigas...” (Criança E)</i></p>

		<p><i>“Brincar... falar... (...) Às princesas. (...)” (Criança F)</i></p> <p><i>“... Costumo brincar... às manas... só isso... com os amigos” (Criança I)</i></p> <p><i>“ (...) Jogo às mães e aos pais com os meus amigos. (...) Às vezes aos professores, às vezes ao doutor doí-me muito. (Criança J)</i></p> <p><i>“Às vezes brinco... à bola, (...) e outras vezes às escondidas e à apanhada.” (Criança K)</i></p>
	b) Ir à biblioteca	<p><i>“ (...) Ir à biblioteca com as minhas amigas(...). Vejo livros na biblioteca... requisito livros n a biblioteca... e jogo jogos com o professor X...” (Criança E)</i></p>
	c) Saltar e Correr	<p><i>“ (...) Salto, corro e (...)” (Criança F)</i></p>
	d) Usar os equipamentos	<p><i>“ (...) E tem escorregas, e tem... hum... um campo para jogar á bola, e tem o parque (...)” (Criança D)</i></p> <p><i>“ ... Andar de escorrega (...)” (Criança E)</i></p> <p><i>“ (...) Outras vezes no escorrega (...)” (Criança K)</i></p>

	e) Conversar	<p><i>“ (...) Converso com os meus amigos (...) ” (Criança A)</i></p> <p><i>“ (...) E falo. (...) Com os meus amigos.” (Criança I)</i></p> <p><i>“ (...) Falar (...) ” (Criança F)</i></p>
	f) Lanchar	<p><i>“ (...) E lancho! Ou almoço...” (Criança A)</i></p> <p><i>“ (...) Lancho...aaah... hum (...) ” (Criança G)</i></p> <p><i>“ (...) E comer.” (Criança L)</i></p>
	g) Ajudar os amigos	<p><i>“... Vou a ajudar os meninos a procurar alguma coisa...” (Criança B)</i></p>
	h) Fazer amigos	<p><i>“... Arranjo amigos (...) Sim... e... e eles aceitam... e... digo a eles se querem brincar e eles dizem que sim...” (Criança D)</i></p>

<b>III- Aprendizagens no recreio</b>	a) Aprender a respeitar os outros	<p><i>“... Para aprender a respeitar os outros e para... saber brincar!” (Criança A)</i></p> <p><i>“Aprendo a respeitar e a não bater.” (Criança C)</i></p> <p><i>“A ser bem-educada!” (Criança H)</i></p>
	b) Aprender a respeitar as regras	<p><i>“Sim! A respeitar as regras.” (Criança B)</i></p> <p><i>“E ... e também... não... primeiro lancho e depois é que vou brincar.” (Criança H)</i></p> <p><i>“Aprendo! As regras da escola e a não mandar lixo para o chão.” (Criança I)</i></p>
	c) Aprender a ser amigos	<p><i>“O que é ser amigo... o que é ser amigo dos meninos. Brincar... dizer que gosto deles... e... e... mais nada.” (Criança D)</i></p>
	d) Aprender a brincar e a jogar	<p><i>“Aprendo a brincar jogos novos, a fazer coisas novas e a divertir-me.” (Criança E)</i></p> <p><i>“...A brincar bem (...) Sem brigar.” (Criança H)</i></p> <p><i>“Aprendo as vezes a brincar a outros jogos.” (Criança K)</i></p>

	e) Não se aprende nada	<p><i>“Porque não tem fichas... não tem bolsas e não tem mesas.” (Criança F)</i></p> <p><i>“Hum... não. (...) Porque o recreio é só para brincar.” (Criança G)</i></p> <p><i>“Não. (...) Porque não escrevemos no recreio” (Criança J)</i></p>
--	------------------------	--

## Anexo E – Apresentação de Resultados das Educadoras/Professoras

Perceção das Educadoras/ Professoras		
Categories	Subcategorias	Unidades de Sentido
<b>I - Papel do recreio</b>	a) Brincar livremente	<p><i>“ O recreio ah é essencial ah num dia... num dia de um jardim-de-infância, serve aah... (...) para poderem brincar livremente (...). Essencialmente para se divertirem livremente ” (Educadora A)</i></p> <p><i>“ (...) Porque para mim o recreio é mesmo para ser ah... atividade, para eles fazerem atividades livres, para estarem a brincar livremente (...).” (Educadora B)</i></p> <p><i>“Olha (...) para os meninos brincarem muito muito muito! (...) “ (Professora A)</i></p>
	b) Expandir energias	<p><i>“ (...) Para as crianças se libertarem (...). Para expandirem energias (...) para interagirem uns com os outros (...).” (Educadora A)</i></p> <p><i>“ (...) Ou como é que eu hei-de dizer...aaah expandirem-se ah aquilo que não não, não podem fazer na sala, então fazem no recreio. Aquilo que eles quiserem fazer!” (Professora B)</i></p>

	c) Socializar	<i>“ (...) Ah e também serve para o relacionamento uns com os outros, portanto para aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada.” (Educadora B)</i>
	d) Descontrair/Descomprimir	<i>“ O recreio primeiro que nada serve para as crianças ah... Descontraírem ou descomprimirem das atividades orientadas (...)” (Educadora B)</i>  <i>“Então por um lado, ah dá para as crianças desanuviarem um bocadinho, (...) e nesta idade acho que é importante.” (Professora A)</i>  <i>“ (...) E de, e de desanuviarem.” (Professora B)</i>
	e) Divertir	<i>“ (...) Essencialmente para se divertirem, livremente.” (Educadora A)</i>
	f) Interagir	<i>“ (...) Para interagirem uns com os outros (...) ” (Educadora A)</i>  <i>“ (...)E para interagirem com os outros. (...) de um modo diferente, que não interagem na sala.” (Educadora B)</i>
	g) Lanchar	<i>“ (...) Entretanto dá para lanchar (...) e nesta idade acho que é importante.” (Professora A)</i>
	h) Explorar	<i>“ (...) Um recreio ah que tenha muitas coisas que a criança possa explorar inclusivamente recreios onde possam haver árvores, terra, objetos, diversos objetos, ah como por exemplo sei lá: cordas, pneus, baloiços e escorregas. (...)” (Educadora B)</i>

<b>II - Importância do recreio para as crianças</b>	a) Desenvolvimento da motricidade larga e fina	<i>“ (...) ah ai a criança desenvolve muita coisa a nível da motricidade larga e não só, pronto motricidade larga tem a ver com o equilíbrio, com aah com o correr, o saltar com o desenvolver todas essas capacidades motoras que depois vão ser muito importantes no desenvolvimento de todas as áreas.(...) (Educadora A)</i>
	b) Aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada	<i>“ (...) ah o inter-relacionamento entre pares, a motricidade larga, aah a motricidade fina, muitas das aprendizagens das crianças podem ser efetuadas no recreio mas também tem muito a ver com o tipo de recreios que eles têm.” (Educadora A)</i>  <i>“ O recreio primeiro que nada serve para as crianças ah... Descontraírem ou descomprimirem das atividades orientadas. Ah e também serve para o relacionamento uns com os outros, portanto para aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada.” (Educadora B)</i>  <i>“A brincadeira é sempre uma maneira deles interagirem uns com os outros, de uma forma positiva, aah e ao estarem a interagir uns com os outros estão a aprender pelo menos nem que seja na relação uns com os outros. (Professora B)</i>
	c) Desenvolver a criatividade	<i>“ (...) No recreio a aprenderem a brincar livremente desenvolvem a criatividade (...) (Educadora A)</i>
	d) Aprendizagens sociais	<i>“ (...) A socialização, essencialmente a socialização (...)” (Educadora A)</i>  <i>“ (...) Aprenderem a brincar com os outros sem ser de modo agressivo. (...)” (Educadora B)</i>  <i>“Sim, sim quer dizer não só a nível social, a aprender a conviver, aprender a partilhar, a cooperar uns com os outros aah, eee também... deixa-me ver.. Além</i>

		<p><i>da parte social se calhar aah as vivências que têm com os outros também lhes traz outros conhecimentos, as crianças têm vivências diferentes.” (Professora A)</i></p> <p><i>“ (...)E ao estarem a interagir uns com os outros estão a aprender pelo menos nem que seja na relação uns com os outros. A nível de aprendizagens cognitivas, também, porque aaha, aah como é que eu hei-de dizer a inter-relação é uma aprendizagem aah constante que vão construindo cada dia que passa, cada recreio que fazem e... e penso que estão aprender bastante uns com outros.” (Professora B)</i></p>
<p><b>III -Aprendizagens no recreio</b></p>	<p>a) Aprender a socializar e a relacionar-se</p>	<p><i>“ (...) a socialização, essencialmente a socialização, no recreio a aprenderem a brincar livremente (...)” (Educadora A)</i></p> <p><i>“ (...) Ah e também serve para o relacionamento uns com os outros, portanto para aprenderem a relacionar-se de forma equilibrada. “ (...) Aprenderem a brincar com os outros sem ser de modo agressivo. (...)” (Educadora B)</i></p> <p><i>“A brincadeira é sempre uma maneira deles interagirem uns com os outros, de uma forma positiva, aah e ao estarem a interagir uns com os outros estão a aprender pelo menos nem que seja na relação uns com os outros. (...)” (Professora B)</i></p>
	<p>b) Aprender as regras</p>	<p><i>“ (...) E então com isso eles também aprendem, as regras, que são fundamentais. Isso as regras, para mim as regras é fundamental, as regras e a rotina, para as crianças é fundamental.” (Educadora B)</i></p>
	<p>c) Aprender a partilhar/cooperar</p>	<p><i>“ (...) Não só a nível social, a aprender a conviver, aprender a partilhar, a cooperar uns com os outros (...)” (Professora A)</i></p>

	d) Partilha de conhecimentos	<p><i>“ (...) Além da parte social se calhar aah as vivências que têm com os outros também lhes traz outros conhecimentos, as crianças têm vivências diferentes.” (Professora A)</i></p> <p><i>“Então daquilo que eu já disse tudo, claro que leva a desenvolver as crianças. Mais que não seja ah ah ah no relacionamento que têm umas com as outras, naquilo que fazem umas com as outras, naquilo nos seus propósitos, naquilo que têm que, que se orientar e que que, e que fazer uns com os outros penso eu que que, e estão a crescer. (...) também, porque aaha, aah como é que eu hei-de dizer a inter-relação é uma aprendizagem aah constante que vão construindo cada dia que passa, cada recreio que fazem e... e penso que estão aprender bastante uns com outros. (...)” (Professora B)</i></p>
	e) Aprendizagens cognitivas	<p><i>“ (...) A nível de aprendizagens cognitivas (...) A nível social e também vai ajudar a nível cognitivo. (...) Uma pessoa que não está bem socialmente também não vai estar bem a nível cognitivo não é.” (Professora B)</i></p>